

ORGANIZADOR

Gustavo Silveira Ribeiro

Uma alegria estilhaçada

Poesia brasileira 2008-2018

escamandro & macondo

UMA ALEGRIA ESTILHAÇADA

UMA ALEGRIA ESTILHAÇADA

Poesia brasileira 2008–2018

[antologia de bolso]

organização & textos

Gustavo Silveira Ribeiro

escamandro & macondo | 2020

Sumário

APRESENTAÇÃO, 10

20 POETAS

Ana Estaregui, 21
André Capilé, 25
Carla Diacov, 34
Daniel Arelli, 40
Daniel Francoy, 45
Ederval Fernandes, 49
Érica Zíngano, 55
Guilherme Gontijo Flores, 66
Ismar Tirelli Neto, 76
Josoaldo Lima Rêgo, 81
Júlia de Carvalho Hansen, 85
Julia de Souza, 90
Júlia Studart, 95
Leila Danziger, 101
Marcelo Ariel, 108
Maíra Mendes Galvão, 114
Otávio Campos, 118
Reuben, 123
Rita Isadora Pessoa, 127
Tatiana Pequeno, 133

À ESPERA DA SEGUNDA DENTIÇÃO

Danielle Magalhães, 139

Italo Diblasi, 148

Natália Agra, 155

Rodrigo Lobo, 158

William Zeytounlian, 161

SOBRE O ORGANIZADOR, 175

para Manuela

O organizador agradece encarecidamente aos autores pela liberação dos poemas. Agradece também aos editores da *escamandro*, parceiros de mais uma empreitada. Agradece ainda, por fim, a Danielle Freitas Oliveira pela ajuda inestimável, nestes tempos de isolamento social e desconcentração, com a leitura e preparação do material.

“Um jovem em seus primeiros amores
não é senão a fecundidade do mundo.
É o mundo que chega assim com ele; aparece e desaparece,
como uma forma que muda.”

PIER PAOLO PASOLINI, *Versi del testamento*

APRESENTAÇÃO

A antologia que o leitor agora tem sob os olhos foi feita como tentativa de síntese e balanço da década que vai chegando ao fim. Trata-se de uma pequena coleção de poetas e poéticas que, surgidas na cena brasileira de 2008 para cá, impuseram-se entre as mais importantes dentre as novas vozes que, cada vez em maior número, vem se lançando na arena pública. Num momento em que a poesia ocupa posto-chave dentre os discursos sociais contramajoritários do país, disseminada nos mais variados espaços¹, julgamos necessário não só expor as tendências da nova poesia como indicar, a partir do debate estético e do esforço de análise crítica particular — debruçado sobre o maior número possível de autores e textos — aqueles nomes que têm, salvo engano, melhor enfrentado a tarefa complexa da criação poética.

1 O renovado interesse das grandes editoras e a proliferação das pequenas e muito consistentes iniciativas editoriais voltadas tanto para novos autores quanto para a tradução de poetas ainda inéditos no Brasil é apenas uma das faces desse fenômeno, que passa também pela popularização dos circuitos de *slam* e pelo aumento das intervenções político-culturais feitas a partir do lugar esquivo que, bem ou mal, sempre coube à poesia nos tempos modernos.

Nesta antologia, a compreensão da tarefa crítica passa, em primeiro lugar e de modo decisivo, pelo reconhecimento de alguns pressupostos: a) o poema se realiza como luta continuada com (e contra) a linguagem, em recusa dos engessamentos da língua e da expressão poética corrente, bem como das facilidades reconfortantes da fórmula e do clichê, modos da mercantilização acrítica do poema e da performance); b) todo o trabalho literário é, antes de tudo, espaço de elaboração ficcional do sujeito, segundo o qual a poesia é (não pode deixar de ser) moenda e usina, isto é, uma máquina de destruição que afeta violentamente e transforma tudo o que toca, nunca funcionando como caixa de ressonância, instrumento passivo através do qual circulam verdades e discursos pré-concebidos que ali estariam apenas configurados de modo exemplar ou intensificado. De acordo com essa premissa, o poema é um evento disruptivo da linguagem e do pensamento. Um acontecimento inesperado mesmo quando joga com convenções estritas. Uma potência de negação ou uma festa movente, não importa: o poema sobrevive mal, ou não sobrevive, a qualquer tipo de funcionalização *a priori*. Para ficar num exemplo central dos dias que correm: se não transforma a própria política, o poema político é apenas reprodução pouco efetiva de discursos já antes (e às vezes sofrivelmente) formulados. O impulso participante, por mais justo ou nobre que seja, não garante, por si só, a viabilidade do texto poético; a denúncia da opressão e o agenciamento de vozes historicamente denegadas — por mais urgentes que sejam em todos os planos da vida social brasileira — também não.

Esses dois eixos, é preciso deixar claro, funcionam como dado estruturador, reflexão de fundo. A partir deles se observa que o poema não exclui, mas antes organiza e dá sentido a várias outras dimensões do trabalho literário e artístico. Por exemplo: as possibilidades de intervenção imediata no presente do poema-manifesto, do poema-piada, do verso palavra-de-ordem passam, na sua energia de concentração e ataque, por tais elementos, na medida em que a atenção às demandas mais incisivas do presente,

a recolha dos resíduos linguísticos do dia e a passagem, a partir daí, ao núcleo incendiário do poema político só se materializam como exercício de precisão formal e de transfiguração da linguagem sem o qual ele, o poema, é apenas retórica vazia ou voluntarismo. O mesmo se dá com a recuperação da memória individual e coletiva que se abriga nas reivindicações feitas, no cerne da criação poética contemporânea, a partir das assim chamadas (erroneamente) políticas identitárias; a indecisão entre o pessoal e o comunitário que marca esses textos encontra seu melhor arranjo num difícil jogo de imagens e temporalidades, armado como um campo de oscilação permanente em que se ampliam, e não se fecham, os sentidos potenciais do texto. A viabilidade desses poemas decorre da sua impureza e do caráter híbrido de sua fatura, e não da autoridade vivencial de quem os escreve, ainda que a biografia seja um dado incontornável nessa operação. A própria exposição de vozes e corpos historicamente suprimidos pelo sexismo, pelo racismo, pelas interdições de classe, formação ou origem regional, um dos mais importantes horizontes do trabalho arqueológico que tem sido feito a partir da poesia, e não apenas no Brasil, só se faz possível pelo trabalho de deslocamento que os poemas, sua forma-força de interrupção e desgaste, produzem na repetição infernal do *mesmo* (as velhas palavras, os hábitos mentais, os blocos sólidos de ideologia que se movimentam imperceptíveis) que o senso comum, os discursos oficiais e as instituições e grupos de poder assimilam e reproduzem sem cessar.

Se esses são os critérios gerais que orientaram a seleção do material que aqui vai enfeixado, resta dizer algumas palavras sobre os demais pontos de referência do trabalho. Primeiramente, o período. Pensada ao longo do ano de 2019, a antologia escolheu cobrir um intervalo de 10 anos por entender que se trata de uma moldura temporal apropriada para uma amostragem como a que segue. Levou-se em conta também o fato de essa não ter sido uma década qualquer para a poesia brasileira. Como já ficou dito, trata-se de uma época de renovado interesse pela produção poética,

em que pese a quase desapareição, no bojo da crise da imprensa tradicional, de espaços críticos consagrados como os suplementos semanais ou as revistas de maior tiragem. A ampliação da cultura digital e das mídias sociais têm o seu papel nesse processo, num fenômeno ambíguo, difícil de distinguir com precisão e que ainda está por ser melhor estudado. Se as facilidades da publicação e da divulgação da poesia surgidas desde então respondem por uma ampliação significativa do repertório e pelo aumento das trocas entre autores de uma mesma época que, antes, dependiam de muitas circunstâncias para se encontrarem e colaborar, essas mesmas facilidades provocaram também intensa fragmentação do campo e certo abandono, por parte da crítica, da sua função judicativa fundamental.

Diante de uma quantidade muito grande de material e de inúmeras demandas por visibilidade que passaram a circular, concomitantemente, na internet, a crítica tem às vezes preferido (e o autor dessas linhas se inclui no diagnóstico) a apresentação descritiva dos autores e das tendências em detrimento da leitura teoricamente orientada, a comparação ativa, a recusa e o enfrentamento árduo do texto poético em busca do estabelecimento (sempre problemático, é certo) do valor e de uma medida mínima em torno da qual se possa negociar com os diferentes projetos, os timbres distintos, as experiências mais ou menos singulares que vão aparecendo. Some-se a isso a urgência política de uma época conflagrada, que constrange a adesões rápidas, posicionamentos estratégicos, e tem-se a dimensão do desafio que a década impôs. Importante, sem dúvida, o período em tela é também contraditório, vindo daí a justificativa pelo seu interesse.

O estabelecimento do marco temporal preciso levado em conta no trabalho não se deu naturalmente. Num gesto a princípio arbitrário, e a arbitrariedade tem lugar aqui, como em praticamente qualquer empreitada dessa natureza, fixou-se como data inicial o ano de 2008. Inicialmente, a escolha desse

ano serviu para circunscrever uma cifra precisa, tendo como fim de percurso o ano de 2018. Mas havia algo mais do que isso. O ano de 2008 representou um ponto de inflexão decisivo da época que corre, o novo século: a crise econômica sistêmica e aparentemente inesgotável que mergulhou o mundo no seu atual estado começou ali. Os processos retroalimentados de recessão, medidas de austeridade, precarização das relações de trabalho e das redes de proteção social, concentração brutal de renda e turbulências sociais se consolidou fortemente a partir do derretimento do mercado imobiliário norte-americano em setembro daquele ano, com consequências para o mercado de ações em escala global. Mesmo que no Brasil seus efeitos tardassem um pouco a chegar, a situação do país hoje decorre dos efeitos da crise que, não superada, vem reorganizando as relações de força no plano geopolítico internacional. Sem que se estabeleça qualquer relação direta do tipo causa e consequência, é impossível não notar a presença da crise entre os rumos da vida política e social brasileira, bem como ignorar que a poesia e os poetas do país não passaram ao largo desses acontecimentos dramáticos, mesmo que em determinado momento os poemas produzidos parecessem distantes da realidade imediata do país. O aumento exponencial do número de migrantes, refugiados e miseráveis em todas as partes do mundo, somado ao achatamento dos setores médios das pirâmides sociais, vem se constituindo como uma ferida aberta do novo século, sua marca distintiva — quiçá junto ao fenômeno contemporâneo do terrorismo. Não se sabe ainda a extensão e os efeitos prolongados daquilo que os anos mais recentes têm trazido: o recrudescimento dos nacionalismos autoritários e a composição de partidos e governos de extrema-direita, se ainda não são uma tendência irreversível ou mesmo um evento global, projetam, no entanto, um horizonte sombrio no qual os conflitos deflagrados pela crise econômica parecem estar longe de se encerrar. O surgimento inesperado e avassalador da emergência sanitária causada pelo novo corona-vírus trouxe ainda mais incerteza para esse cenário já bastante difícil. O

inevitável empobrecimento da maior parte das nações, somado ao elevado número de mortes e ao rescaldo das quarentenas e das demais medidas de distanciamento social ainda vão cobrar o seu preço, elevando o patamar da crise a níveis verdadeiramente explosivos.

Se tudo isso converge para 2008, a fixação nesse ano de uma ponta do arco estendido por esta antologia pareceu produtiva, já que uma outra época ali começava. A guinada realista que as artes em geral (e a poesia em particular) vêm conhecendo nos últimos anos pode ser entendida, entre outros fatores, dentro desse contexto. Para a poesia brasileira, por fim, também nesse ano findava um ciclo importante e abria-se outro. Foi em 2008, justamente, que deixou de ser publicada a revista *Inimigo rumor*, uma das mais importantes publicações do gênero e um marco para as gerações de poetas que vinham das décadas de 1990 e 2000. A seu modo, a revista tratou de reorganizar o panorama, abrindo espaço para os novos nomes que iam surgindo, procurando recuperar a memória dos grandes livros e poéticas do século XX (sem a dureza das divisões que as vanguardas haviam imposto décadas antes), além de atualizar, com traduções, entrevistas e resenhas, as referências internacionais do debate poético, trazendo ao primeiro plano, de modo especial, a poesia portuguesa recente, hoje uma zona muito mais franqueável para a criação poética no país do que em boa parte do período modernista e pós-modernista no país. Cumprido o seu ciclo, a revista cedeu lugar à atomização da blogosfera e à proliferação das revistas *online* que, quer se goste ou não disso, deram outra cara à cena, atingindo todos os segmentos da atividade literária e ajudando a conferir, como já se disse, outro lugar à poesia feita no Brasil. Uma nova geração de poetas, de um modo ou de outro, tinha seu batismo de fogo ali. Esta antologia, reconhecendo a formação lenta de um novo período, propõe-se a observá-lo e aos autores que estrearam, em livro, de 2008 em diante.

Assim, tem-se o seguinte quadro: figuram na antologia os poetas que surgiram a partir do ano da crise econômica, e para delimitar um pouco mais o escopo, fixou-se a necessidade do livro como meio. Somente aqueles que foram publicados de 2008 para cá puderam ser considerados, não importando, aí, se se trata de livro individual ou de edição comercial apenas. Outros formatos interessavam também. Assim sendo, são vinte nomes, dispostos em ordem alfabética, com os quais se procura efetuar um recorte significativo no conjunto de autores que vêm escrevendo e publicando no país. Para cada poeta (foram selecionados dois poemas de cada autor), foi escrita uma pequena introdução crítica. Além deles, como uma extensão e um desvio do curso original, foram incluídos, ao final, mais cinco poetas, todos estreantes, todos com apenas um volume impresso. A seção à espera da segunda denteição é como uma pergunta aberta: aguardando o próximo livro, a antologia faz suas apostas ao chamar atenção para o material até agora apresentado. Como se vê, *Uma alegria estilhaçada* é um pequeno recorte, antologia de bolso, dado a quantidade relativamente pequena de poemas recolhidos: 50, ao todo. A alguns o número final de autores parecerá elevado, a outros insuficiente e mesmo injusto. É uma cifra sem dúvida arbitrária, mas que indica certo cuidado: o número de trabalhos de interesse é limitado, nem tudo o que está sendo publicado no país deve ser celebrado.

Na contramão de certa tendência contemporânea, reafirmar a limitação do julgamento comparativo pode ser saudável. Dar voz e visibilidade a tudo (ou quase tudo) sem o dado discricionário da leitura crítica pode derivar no oposto do que se pretende. Ao invés da inclusão de nomes alijados por motivos econômicos, políticos ou sociais (as demandas antipatriarcais e por diversidade regional passam por aí, evidentemente, bem como a luta antirracista), a abertura de livros, antologias e demais inventários de leitura pública sem a necessária clareza conceitual ou o rigor judicativo — por mais difícil ou precário que isso possa ser — tem levado ao esvaziamento do debate e ao retorno, ainda que sutil, das formas

de manutenção do *status quo*. As coisas permanecem iguais, ou talvez até um pouco mais confusas, se os espaços de reflexão e de *mediação* perdem importância, são destituídos completamente em nome de qualquer aspiração democrática ou inclusiva. O questionamento amplo e a inteligência antinormativa não se fazem pela desconsideração das condições de possibilidade do diálogo. A inclusão pela inclusão, a visibilidade pela visibilidade, levados a frente sem considerar, *também e preferencialmente*, os aspectos propriamente poéticos da questão, termina por tornar tudo inacessível aos olhos, que não distinguem nada, ou distinguem mal, e passam a ver menos. Como se sabe, excesso de informação não localizada (isto é, não filtrada e ordenada de algum modo) equivale à nulidade da informação, que se perde em meio aos ruídos do dia. Para repetir: é preciso lembrar, e isso cabe à crítica, que um poema impensado não pode ser boa peça crítica. Ele é fruto de uma compreensão o mais das vezes limitada da política ou dos combates discursivos. A grande tradição poético-política do século XX tem isso a ensinar: os melhores textos de Bertold Brecht, Carlos Drummond de Andrade, Audre Lorde ou Wislawa Szymborska não são apenas textos precisos, são sínteses de uma longa reflexão e a proposição original de hipóteses desconcertantes sobre o seu tempo e as violências e injustiças que os assolavam. Para dizer de um outro modo: é preciso lembrar que uma antologia, um programa de ensino acadêmico ou uma linha editorial qualquer não são *somente* espaços de poder e reprodução ideológica: são também, e fundamentalmente, espaços de pensamento, nos quais os muitos sentidos da experiência estética e histórica se sedimentam, organizam e dão a ver, levando a novas perguntas e outras possibilidades de compreensão do tempo e da arte.

A mesma sensação de excesso ou falta talvez valerá, na opinião de alguns, para os nomes selecionados. As ausências podem ser mais notadas do que o próprio conjunto dos poetas proposto. Ou talvez não. O que importa é que a discussão está, mais uma vez, posta, solicitando outros olhares e respostas diferentes. Um

último detalhe sobre a composição deste trabalho: uma simples passada de olhos pelo seu sumário pode suscitar a pergunta que já antes, por amigos, nos foi dirigida: por que motivo vão juntos autores de idades muito diferentes, se, tecnicamente, a ideia de uma geração passa necessariamente pela coincidência do nascimento num mesmo (e curto) período de tempo? A resposta é a seguinte: preferiu-se destacar a circulação, numa mesma época, dos livros e dos poemas, abrindo espaço para poetas que, iniciada a sua trajetória depois do período costumeiro, não encontrariam eco nem entre os da sua idade (com carreiras já consolidadas, de trajetória mais longa) nem entre os mais novos, advindos de experiências e processos formativos distintos. Assumindo o risco de relativa imprecisão cronológica, a antologia prefere a sobreposição dos poemas, tentando pensá-los contra um pano de fundo histórico e político comum.

Sem pretender esgotar a cena ou oferecer dela uma única possibilidade de leitura, esta antologia quer dar sua contribuição ao debate que hoje se desenvolve, às vezes atabalhoadamente, a respeito da poesia brasileira do presente. Publicada agora, num momento em que várias outras antologias são postas à disposição do público, seu desejo é o de propor alternativas aos panoramas já fixados e discutir os critérios postos (ou nem isso) em pauta por boa parte dos trabalhos do mesmo tipo que neste momento se apresentam. Trata-se da defesa de um determinado ponto de vista crítico, é claro, com todas as parcialidades e violências que ele impõe. Escolher é violento, toda escolha é exclusão — como todo julgamento. As ideias mudam, novas leituras são feitas e o próprio crítico discorda de si, suspende as suas certezas, podendo vir a negar-se tempos depois. Mas escolher, julgar, com os riscos inerentes, são atos capazes de instaurar (se executados com correção) novas realidades, ou de fazer ver traços do mundo que, até então, permaneciam encobertos.

É necessário esclarecer, por fim, que este volume surgiu como desdobramento de um outro projeto levado a cabo nessa

mesma *escamandro*. A série de pequenos ensaios *UMA CASA PARA CONTER O CAOS: DEZ ANOS DE POESIA BRASILEIRA* [2008 – 2018] procurou analisar criticamente alguns dos mais importantes livros de poesia publicados no país na última década, voltando-se para os volumes de Dirceu Villa, Carlito Azevedo, Ricardo Aleixo, Josely Vianna Baptista, Age de Carvalho, Angélica Freitas, Ricardo Domeneck, Marília Garcia, Ana Martins Marques e Edimilson de Almeida Pereira, com os quais, é claro, os novos poetas aqui reunidos vão se relacionar. A série tentou oferecer um outro ângulo para o problema comum que se coloca aqui: entender o presente, lê-lo melhor a partir da luta pela fixação de seu valor e sentido relativos. Esta antologia ganha muito se lida em paralelo com a reflexão que nos pequenos ensaios se buscou realizar.

20 POETAS

ANA ESTAREGUI
(Sorocaba/SP)

n. 1987

e. 2014

tornar-se o bicho que se é
reconhecer na cauda e nas orelhas
os filhotes
deixar que se manifestem
as vozes
que há muito vivem na garganta
falar
executar os movimentos leves
e pesados dos braços
que nadam, cavam, saltam
caminhar quando caminhar
dormir quando escurecer o dia
comer quando tiver fome
estar
no lugar exato do corpo
na mesma linha
dos olhos do instinto
dormir, comer, saltar
descansar.

47.

há sempre um degrau
entre o que se escreve
e o que se gostaria
de ter escrito
e quando há um poema
inexaurível
desses que nunca mais se pode
parar de ler
que não se pode mais soltar
porque no meio dele há um vórtice
um poço d'água potável
onde se pode nadar muito
em círculos, sem pressa
onde se pode apanhar com as mãos
os peixes intermináveis
não há como não ponderar
sobre qual seria o verdadeiro poema
aquele outro ainda maior
mais robusto
que alguém tentou escrever

Artista plástica de formação, **Ana Estaregui** traz de seu ofício o gosto das coisas concretas e a consciência de que a arte, a poesia em particular, é feita de observação e artesanania. Ver o mundo ao redor, ater-se aos seus mínimos detalhes (imagina-los, às vezes, acrescentando espanto ao que se olha) e depois ordena-lo com rigor e leveza, movendo-se entre contrários. Os versos curtos da poeta procuram desenhar um universo ao mesmo tempo familiar, cotidiano e reconhecível (o interior do quarto, a pia da cozinha, a página e as letras do livro que se lê), para nele injetar impessoalidade e distanciamento, algo que desarranje as facilidades da percepção e convide a ver melhor, sem as lentes da projeção (auto)biográfica. Como ocorre em certas combinações de objetos e texturas das instalações ou *assemblages*, por exemplo. Próximo da voz, mas não subordinada a seus volteios, seus poemas têm no corte rápido (às vezes ríspido) o elemento mais visível e efetivo. Por ele cria-se uma cadência incomum, que solda às coisas mais ordinárias (sua obsessão aparente, mesmo nos textos de natureza metapoética) o detalhe inesperado, o desvio. Em metáforas contidas, a precisão de dados anatômicos, saberes zoológicos e lições de composição visual acrescentam algo novo ao universo corriqueiro que se apresenta.

ANDRÉ CAPILÉ
(Barra Mansa/RJ)
n. 1978
e. 2012

kuzuela

ó pássaro verdadeiro
ó pássaro sincero

papagaio ê!

seja bem vindo
gostamos de recebê-lo

mas não nos garantimos boas novas

os maridos ainda recusam a voz das esposas
os pais renunciam a voz de seus filhos

nossos avós saíram da raiz faz tempo
mas o tronco resiste apesar dos inventos

esta é a terra e o que se tornou

veja
estamos sempre prontos a nos repetir

viemos a esta terra
comemos desse esterco

em um mundo
que não devia ser tão espalhado
em um mundo
que se distrai por trair ser pacífico
em um mundo
que é apenas um lugar de mercado

uê papagaio uê!

será possível que se instale um vau
que se preciso atravessemos juntos?

e o que virá depois do salto, o óbvio?

de um lesa-majestade ouvi a prece
nem todos voltarão pra casa um dia

até que dê ciência a concha ao molde
é o estéril que engravida o caracol

viemos até aqui
agora chamamos de casa

ó há terra para todos

talvez devesse um elogio
que te fizesse mais feliz

ó há terra para todos

e me escutasse o que rezava
e respondesse cada reza

ó há terra para todos

é de lá meu papagaio
uê que espalha o mundo no lajedo
tão grande, tão poderoso

que não pode vencê-lo a calma
a violência de teu silêncio

quem ousar eiá eu vos digo
enxaguará as mãos pra comer terra

quem ousar eiá eu vos digo
entrará pelo duto ó cu dos céus

e quem ousar eiá que aproxime
mil e um passos contados pra trás

hoje não vou ousar ser tão rude com ele
são mais de mil passos à frente do rei

ó colorido com a tintura do açafão
patrono dos tapetes sem tamanho

esta terra deve ser pacífica
esta terra deve ser prolífica

a terra deve ser boa pra nós
a terra deve nos favorecer

não botamos nossos ovos pra guerra
nós que somos testemunhas do luto

não merecemos castigo
não devemos ser roubados

papagaio ê!
venha ouvir nossas súplicas

papagaio ê!
prestamos homenagens ao senhor

ó pássaro verdadeiro

ó pássaro sincero

seja bem vindo
gostamos de recebê-lo

não ouça amanhã nossos gritos
não nos garantimos boas novas

Zangarreio

Enquanto cadeiras
são lotadas por
esquecidos
(cadeiras latifúndios
tipo luxo lotes baldios)
leis
com todo vigor
prendem
mas não pegam
enquanto cadeias
são lotadas de
ex-famosos
e
esquecidos
andam na linha
e
vão cada vez
mais dentro
enquanto cadeias
estão lotadas por
esquecidos
futuros
tipos de esquecidos
fazem fila para entrar
e
estar cada vez
mais dentro
e
uma vez dentro
formar quadrilhas

(cirandas entre
cadeias e cadeiras)
enquanto
no pátio
outros atores
que são
de dentro
fingem querer
estar fora
zumbis cavam
com colher pequena
e
mineram em covas
de outros esquecidos
que amontoados
feito ratos
(do dentro e do fora
cabeça a cabeça
espremidos
corpo a corpo)
atritam cotovelos
esperando fogo
de ideias
que são as mesmas
ideias
de cadeiras e cadeias
embora
cadeias e cadeiras
possam ser mais
que só ideias
quando ideias
passam a ser mais
que fogo
e
textos menos

cinzas
e
territórios menos
escombros

Ritos e rezas de matriz afro-brasileira, um léxico vasto e tantas vezes incomum (no qual se percebe a invenção, em nível morfológico e sintático, de uma outra linguagem, como em Guimarães Rosa), todo um repertório de canções — que vai da música que emerge das funções religiosas de terreiros ao rap e às texturas vocais de um Itamar Assunção —, se abre na poesia de **André Capilé**, amálgama de tradições e formas, verdadeiro caldeirão multicultural no qual se combinam e refazem elementos díspares. Fundamentalmente sonoros, atentos aos ritmos, variações e improvisos da fala cantada (o poeta é também *performer*), seus versos trazem à tona todo um conjunto de saberes e tonalidades arcaicos, deslocados, no entanto, de seu contexto de enunciação original e da visão de mundo que os enformava. Na poesia de Capilé, esse substrato não-Ocidental vai aparecer sob o signo da negatividade e da contenção típicas da consciência criadora moderna. A mistura que resulta dessa aproximação não deve ser lida, no entanto, apenas como prática conciliatória ou híbrida, mas como exercício decolonial, formulação poética profundamente crítica que se faz a partir de matriz cultural e histórica minoritária, descentrada, e por isso mesmo sempre política.

CARLA DIACOV
(São Bernardo do Campo/SP)
n. 1975
n. 2015

um
filho mergulha salta
ao brilho à fundição das dimensões
um filho flutua
um ovo vingado a mil segredos
um filho entoa o nome de um pai de um deus
liquidifica no caldo filho a família mãe todos os fios
um filho existe desde quando
um filho de sangue dizem de sangue
sangue do meu sangue
não
um filho mergulha salta
flutua antes da palavra gole
antes da criação
um filho insiste
é o filho que vem ao ventre anunciar
é o filho que vem ao peito bater
é dia de festa é dia de chuva é dia de lua dia de cão
ao filho que não vingou cabe a
estrutura da conjectura a estrutura à ideia glandular
outro filho uma vez mais essa sopa
a frágil trama de gelo sobre a figueira na folha
o filho que sim o filho que chega
perdido entre os próprios pés
cá já estava mergulhado flutuante
o filho que estende a mãozinha ao sol
o sol que cobre o filho antes da folha antes
do gelo antes da casca
um filho de sangue dito
sangue do meu sangue
esse não

meu filho me agasalha me beija as xícaras
meu filho me guarda o hálito e o hálito meu
filho me olha absorto
meu filho meu
hálito um novelo de lã primeira

que todo filho é seiva que todo dia é de chuva
que todo sangue é motivo que cada motivo
é terra é verbo é estalo é aparição

creio na rede e dela cuido com as
chaves que me são oferendas da
natureza e da natureza das coisas
ou me perco nos sinais ou me faço dançarina deles
seguem meus dedos a costela do peixe
da sorte canta ali um galo e já a trama toca a floral
cai ali uma mulher no barro sobe ali a nuvem e
são tantos mares cruzados numa só onda
tivemos dias imensos da chuva oceânica
e com que calda o vestido de ir buscar lagostim
defendo flores nos cabelos creio nos espinhos do idioma
e com que véu as noivas de buscar ostras
com que choro segue a trama do momento
central puxado de cordões da solidão
aquele homem foi tragado e cuspidado e repartido
pelo mar
voltou em dois e dos dois uma multidão
que nunca mais abriu a múltíplice boca
com que beijo com que consolação
com que pássaro tramar agora a ida de um
dos filhos a acenada mãe que trama
com que rede me apego agora quando a
fome é imensidão nos olhos de sal?
creio então no silêncio tramado a crer
tanta areia para pouco altar
com que calda com que véu acenada a
mãe a instalar redes de milagres como
é o milagre do parto antes mesmo da crendice
gestacional?

ela tecia colares de sementes
creio
ela tecia colares de sementes e búzios
previa redes previa o amor dos peixes adentro

Múltipla e inquieta, a poesia de **Carla Diacov** é atravessada por diferentes vozes. As formas que explora de modo descontínuo, sem o que se possa identificar como um centro organizador, se ajustam aos muitos sujeitos que vão aparecendo nos poemas. Entre tantas figuras de mulher (o feminino e o feminismo são matrizes importantes para a sua criação, bem como a enunciação da loucura, uma ruptura da linguagem e do pensamento linear), há o intervalo e o desvio das vozes masculinas, que surgem nos textos em diálogos e endereçamentos às vezes alegres (como em *A menstruação de Valter Hugo Mãe*, de onde provêm os poemas selecionados para esta antologia), às vezes tensos. A experimentação que marca essa poesia se deixa ver numa aparente falta de unidade: seus livros passam pelo poema em prosa, pelo monólogo dramático, pelo poema curto de pendor lírico e pelas peças mais longas, de ímpeto narrativo, repletas de imagens violentas e algum humor. A multiplicidade denuncia o gosto pelo diverso e talvez certa irregularidade, mas há mais do que isso: as muitas arestas e formulações incomuns (em especial no plano da sintaxe) dessa poesia criam a sensação de desconforto e estrangeiridade que, ao fim, é o fio condutor de todo o processo.

DANIEL ARELLI
(Belo Horizonte/MG)
n. 1986
e. 2018

Outros nomes da natureza

O que é
fechado à mente
o fundo comum
a tudo
o todo
causa de si
princípio da própria
reprodução
o inteiramente outro
anteparo amorfo
do trabalho
e da forma
metabolismo
evolução
o que de mais íntimo
se rememora
em ti
contra ti
irrompe
pura exterioridade
o que ama
esconder-se

Rastilho

*Sob o impacto do show virtual
Ao vivo e sem público
São Paulo, Casa de Francisca,
primeiros dias da quarentena*

Do centro desta cidade que é como uma artéria
encalacrada
do hemisfério
— e que agora bombeia
desimpedida
o fluxo proliferante
do antiorganismo

do alto do edifício
cercado
por sua presença irrefreável

(qual rastilho
tóxico invisível)

Kiko Dinucci toca seu instrumento
para uma casa
vazia

de frente para a parede
para o nada
para a máquina
de onde acenamos
submersos

de costas para as cadeiras
vagas
como um antimonumento
para a cidade desertada

Kiko Dinucci toca seu instrumento
entre pele e corda
indiscernível

(qual rastilho
sônico invisível)

como se erguesse
uma linha divisória
um círculo mágico
de ruído

o último totem
ainda possível

Daniel Arelli se coloca, no panorama da poesia brasileira contemporânea, junto àqueles que continuam a afirmar o lugar do antilirismo entre nós: vindo de outra geração, Régis Bonvicino; entre os mais jovens, Eduardo Sterzi, Angélica Freitas, Diego Vinhas e Bruno Brum, ainda que em cada um deles a inflexão crítica sobre o lirismo se processe de modo distinto, atento a demandas que vão do humor corrosivo à negatividade cínica, passando pela problematização propriamente política do lugar da poesia e da arte hoje. A sólida tradição da antipoesia no Brasil tem, nos séculos XIX e XX, marcos como Sousândrade, Augusto dos Anjos e, obra fundamental, João Cabral de Melo Neto. Alcançando o nosso tempo, Sebastião Uchoa Leite é referência decisiva para Daniel Arelli. O autor pernambucano é importante não apenas pelo escamoteamento sistemático do eu e da confissão que sua poesia praticou. Mais do que isso, há um pendor reflexivo nos seus textos, fundado em arraigado ceticismo, que atinge em cheio o trabalho de Arelli, para quem o pensamento abstrato e a conceituação filosófica são questões decisivas para a fatura poética. A limpidez da sintaxe e o equilíbrio da composição convivem, nos seus poemas, com a destruição irônica de certezas instituídas que sobrevivem, na linguagem, como clichês e modismos. A sobriedade e a firmeza de traços marcam os dois livros que lançou até agora, nos quais a surpresa e a ruptura despontam sob o gume do cálculo, e o cotidiano parece formado por materiais e relações que é preciso ver com cuidado: ora de muito perto, ora com enorme distância.

DANIEL FRANCOY

(Ribeirão Preto/SP)

n. 1979

e. 2010

Claridade

Se ao menos não houvesse dúvidas:
é aquela hora de bruma e de medo
e a relva, amanhecendo úmida,
tem como raízes vísceras misturadas.
Se ao menos soubéssemos: sob o luar
Joana D'Arc é queimada e ascende
ainda mais translúcida do que a brisa
desfeita pela fuligem — é aquela hora
de árvores inertes e muros ensanguentados.
Se ao menos contemplássemos: arde
a cidade e somos nós os saqueadores,
nós os negros, nós os gregos, nós as troianas
deixadas ao estupro, aterrorizadas
por uma suspeita que jamais se confirma.
O que será esse rumor? Ratos
correndo no forro dos telhados ou torvelinhos
de vento uivando durante a madrugada?
Se ao menos uma palavra nomeasse
a pedra escura queimando o peito —
mas não: é meio-dia, faz sol
e a praça central se afoga em claridade.

Foram-se pacificamente os nossos mortos

Todos os nossos mortos foram-se
pacificamente: os pais, os amantes,
os índios dizimados, os prisioneiros fuzilados,
os companheiros de medo e de ódio,
os atônitos que o câncer destrói
com método, aqueles que tanto
amávamos, embora raivosos.
Caíram em perfeita harmonia com o dia
como o fruto que se perdeu
por uma maldade dos deuses.
Ainda nas piores horas, jamais pensamos:
é chegado o massacre.
E tampouco, otimistas, julgamos:
somos os sobreviventes da matança.
A tarde avança sem fraturas e se corvos
voam em torno do sol
é o cortejo de uma carcaça anônima.

A busca pela imagem precisa, pela formulação clara de um problema (por mais complexo que seja), pela descrição justa das coisas — que faça justiça aos excessos e aos mistérios delas, bem como ao que nelas resiste à própria linguagem — parece ser o mote da poesia de **Daniel Franco**y, um dos poetas de linhagem mais claramente modernista no cenário contemporâneo brasileiro, figurando junto a Eucanaã Ferraz e Ana Martins Marques no trabalho que fazem de retomada do ideal de comunicação e clareza que atravessou tantos momentos (mas não todos) da lírica de Bandeira, Drummond e Gullar, entre outros. Trata-se de uma luta (nem sempre realizada a contento, é preciso destacar) pela expressão: dizer a si, o real, o mundo das coisas informes com a maior precisão possível, usando para isso versos de sabor tradicional (alongados, autônomos, de ritmo discreto, mas eficiente) e um repertório pleno de metáforas e jogos de imagens. O desejo de nomeação que atravessa a sua poesia é marcante, restando como um dos seus traços mais interessantes: a ele se ligam a grande abrangência temática dos textos e o caráter retórico que, em momentos determinados, marca os seus versos.

EDERVAL FERNANDES

(Feira de Santana/BA)

n. 1985

e. 2014

No bolso as moedas

perder o amor
não é perder o lápis
o relógio
de preguiça perder o poema
ou o comboio o elétrico 15E
sentido algés
por 6 minutos
a mais na cama
nas contas a serem
pagas nas culpas
nunca suturadas
perder o calor
do café
o amor perdê-lo não é
como precisar ir
mas ficar
andar e não correr
atrás disso
que fácil e lento passa
em frente à porta (ouvir
Dylan para entender
o uso deste sample)
perdê-lo o amor não é
como ir à praia sem querer
ir embora
e descobrir depois:
o melhor era ficar
perdê-lo o amor
é impossível
no bolso as moedas

se escondem
mas não
desaparecem

Língua geral

ofício de lábios
cuja carne cava
no som
uma língua

quase defunta

em febre
o amarelar
da febra
laranja pus

deste incerto fastio
língua geral
fiat lux

rimografias
rodovias
destes mapas

acidentes
de origem geográfica

um corte cego
seco
no cerne da gramática

a língua no gelo

avanço com o bafo
o ranço da boca
baco
palavras tabasco
malabares arabesco

a chuva não alaga
ruelas becos favelas
da fala

propago o calor
húmus húmido
o retorno ao motivo
do artesão

a língua em degelo
oráculo ordinário
: coração

Ederval Fernandes elabora uma poética de desvios, acidentes e pequenas alegrias. A exploração de distintos registros linguísticos (a língua viva da Bahia, suas variantes ricas e estranhas, e a circunscrição do acento lusitano, seu modo mais rápido e mais rascante) faz da sua poesia um trabalho em trânsito, jogando com referências e estruturas divergentes, das quais consegue extrair possibilidades às vezes surpreendentes. O corte estudado do verso, o desejo de desenvolver formas minimais e um certo controle da pulsão expressiva e pessoal fazem dos seus versos um espaço de busca contínua pela concisão e por uma inventividade sóbria, menos concentrada nos maneirismos que, bem ou mal, marcam a geração a que o poeta se liga. A frequentação da crítica literária e a experiência do exílio (Ederval vive e trabalha em Portugal) marca também os seus textos, deixando ver um cabedal de leituras lusitanas cada vez mais comuns (mas nem sempre assimiladas adequadamente) na cena brasileira do presente — Manuel de Freitas, Adília Lopes, Rui Pires Cabral e alguns outros autores decisivos da nova (e da novíssima) poesia portuguesa.

ÉRICA ZÍNGANO

(Fortaleza/CE)

n. 1980

e. 2010

ainda não acabou

estou tentando encontrar um poema
um rascunho de um poema que escrevi
há alguns anos
onde falo que queria dismantelar
minha mãe
a pauladas e colocar ela
os restos dela dismantelada
num saco de plástico
como se fosse uma nova placenta
e depois colocar o saco no lixo
porque o caminhão de lixo
sempre vem pegar o lixo
do meu prédio de noite
às segundas quartas e sextas

então os homens do caminhão
levariam o saco plástico
dela dismantelada dentro
pro lixão público da cidade
que eu não sei bem aonde fica
mas eu sei que fica
muito longe daqui
e pronto
começaria assim uma nova fase
da minha vida

eu não encontro mais esse poema
não faço ideia se esse rascunho
ainda existe
mas eu tenho a impressão de que

naquela época
eu não estava tão preocupada
com a riqueza de detalhes
acho que eu não falava da placenta
nem do lixão
ficava só concentrada nas pauladas

independente de eu ter ou não
falado do lixão
vão me chamar de ingrata
de filha desnaturada e dizer
que não tenho coração

já tentei resolver isso*
** isso = a vontade de desmantelar
a minha mãe que eu sinto
de vez em quando e o julgamento
negativo das pessoas sobre esse
meu possível ato de liberação interior*
de várias formas
até constelação familiar
ano passado eu fiz
me aconselharam
então eu fiz

eu peguei R\$ 200,00
que a minha mãe me deu
e paguei R\$ 200,00
pela sessão
e me fizeram acreditar
porque eu estava sugestionada
por técnicas psicológicas
de persuasão
que minha mãe era uma almofada
vermelha

e que a dor que eu comecei a sentir
na minha perna esquerda
no momento em que eu estava falando
mal dela
era relacionada a ela
eu acreditei
qualquer um acreditaria
esse é ponto da técnica
ela é eficaz
porque se ao invés da minha perna esquerda
eu tivesse dito barriga orelha
ou meu pulmão direito
ele também teria dito
que a minha dor era da minha mãe

eu comecei a chorar muito
nessa hora
e o psicólogo
como um treinador experiente
das sensações afetivas dos outros
ficava me dizendo em voz alta
para eu liberar
libera! libera! libera!

então eu olhava praquela almofada
chorando
aquela almofada que fazia minha perna
esquerda doer
e dentro de mim
com aquela voz off que
todo mundo na cabeça tem a sua
eu dizia pra ela
eu te libero! eu te libero! eu te libero!

no final da sessão
apesar de eu me sentir em frangalhos
e pesada como uma bigorna
que eu nunca entendi muito bem
pra quê que serve uma bigorna
eu estava apenas feliz
de abraçar aquela almofada
vermelha
em vez de bater nela
a pauladas

toda a cena é um pouco patética
por ser extremamente real
ela é patética

mesmo a parte do lixão
que só é real na minha cabeça
e agora nesse pedaço de papel
que nem é papel mas uma ideia de papel
mas que também é real
também é patética

não sei se ela é realista
mas eu me esforcei muito
pra deixar ela um pouco parecida
com um desenho animado
e assim ela poder voltar
pro lugar de onde ela nunca deveria
ter saído
o universo infantil

as pessoas vão achar que
eu devo ser meio bipolar

ou afeita a grandes paradoxos
mas a verdade é que eu consigo
entender as pessoas que amam
suas mães
e também entender as pessoas
que não amam suas mães
simples assim

mas a razão pela qual eu gosto muito
desse poema
não é somente pelas imagens escatológicas
que ele apresenta
mas por ele ser bastante versátil
ele corta pros dois lados
se alguém quiser por exemplo
desmantelar o pai
é só colocar o pai no lugar da mãe
e com pequenos ajustes
também acho que funcionaria

no meu caso
pensei que ele caberia como uma luva
num contexto literário
por isso me permiti reescrever
esse poema
visando exatamente esse fim

ainda não acabou

estou tentando encontrar um poema
um rascunho de um poema que escrevi
há alguns anos
onde falo que queria dismantelar
a literatura
a pauladas e colocar ela
os restos dela dismantelada
num saco de plástico
como se fosse um outro tipo de plasma
e depois colocar o saco no lixo
porque o caminhão de lixo
sempre vem pegar o lixo
do meu prédio de noite
às segundas quartas e sextas

então os homens do caminhão
levariam o saco plástico
dela dismantelada dentro
pro lixão público da cidade
que eu não sei bem aonde fica
mas eu sei que fica
muito longe daqui
e pronto
começaria assim uma nova fase
da minha vida

eu não encontro mais esse poema
não faço ideia se esse rascunho
ainda existe
mas eu tenho a impressão de que

naquela época
eu não estava tão preocupada
com a riqueza de detalhes
acho que eu não falava do plasma
nem do lixão
ficava só concentrada nas pauladas

independente de eu ter ou não
falado do lixão
vão me chamar de poeta ingrata
de artista desnaturada e dizer
que não tenho coração

já tentei resolver isso*
** isso = a vontade de desmantelar
a literatura que eu sinto
de vez em quando e o julgamento
negativo das pessoas sobre esse
meu possível ato de liberação interior*
de várias formas
até psicomagia
ano passado eu fiz
me aconselharam
então eu fiz

eu peguei R\$ 200,00
que recebi pela publicação de um poema
e paguei R\$ 200,00
pela sessão
e me fizeram acreditar
porque eu estava sugestionada
por técnicas psicológicas
de manipulação
que a literatura era uma almofada
vermelha

e que a dor que eu comecei a sentir
na minha perna esquerda
no momento em que eu estava falando
mal dela
era relacionada a ela
eu acreditei
qualquer um acreditaria
esse é ponto da técnica
ela é eficaz
porque se ao invés da minha perna esquerda
eu tivesse dito barriga orelha
ou meu pulmão direito
ele também teria dito
que a minha dor era a literatura

eu comecei a chorar muito
nessa hora
e o discípulo de jodorowsky
como um treinador experiente
das sensações afetivas dos outros
ficava me dizendo em voz alta
para eu liberar
libera! libera! libera!

então eu olhava praquela almofada
chorando
aquela almofada que fazia minha perna
esquerda doer
e dentro de mim
com aquela voz off que
todo mundo na cabeça tem a sua
eu dizia pra ela
eu te libero! eu te libero! eu te libero!

no final da sessão
apesar de eu me sentir em frangalhos
e pesada como uma bigorna
que eu nunca entendi muito bem
pra quê que serve uma bigorna
eu estava apenas feliz
de abraçar aquela almofada
vermelha
em vez de bater nela
a pauladas

não sei por quê todo mundo fala buceta
e quando vão escrever nos poemas
acabam escrevendo boceta

isso é pra aproximar a buceta da boca
e distanciar do cu?

será que eu mesma já fiz isso
inconscientemente?

de qualquer maneira
se também já fiz isso
de agora em diante
não o farei mais

Para **Érica Zíngano**, o poema é um espaço de performance, encenação de si, jogo (entre o sério e o jocoso, como sempre se dá nos muitos tipos de jogos) com o real e com o próprio sentido da atividade literária. Próxima, nesse sentido, das práticas e linguagens de outras artes, a poesia de Zíngano se alimenta da matéria banal das atividades cotidianas mais mesquinhas, incorporando também uma linguagem o mais das vezes despojada e eivada de humor, além de inúmeras referências à cultura pop e ao universo menor das redes sociais e seus protocolos de exposição controlada do eu. A possibilidade da leitura como prática interativa, como interface lúdica na qual se misturam autor e leitor pode ser vista nos poemas recolhidos nesta antologia, que utilizam a repetição, a narratividade e o intercâmbio de peças como estratégia compositiva principal, índice de uma compreensão dessacralizadora da literatura (da ideia de autoria em particular) que também se deixa explicitamente ver no segundo texto, no qual as implicações psicanalíticas e infantis (o desejo de destruir a mãe, amando-a e desmantelando-a ao mesmo tempo, numa oscilação entre dependência e autoafirmação) servem também de baliza para medir a relação que a poeta mantém, ou quer manter, com a cena literária, suas convenções, vaidades e refinamentos.

GUILHERME GONTIJO FLORES

(Brasília/DF)

n. 1984

e. 2013

Solo

1

Prado cerrado soterra não tem corpo
a grama cresce em fúria
nos edifícios que ensaiamos
em construir nos edifícios
que preparamos por embasar
sobre edifícios que sonhamos
em erigir para edifícios
que agora tombam

erguido ao céu num rito
alegre das miradas
o AR15 entoa
e sob a cena os pés
acenam as passadas
um garoto acontece
de beijar o céu
excuse me while
a cena acaba `

2

Prata encerrada sob a terra não tem cor
a frase é velha vale pouco
perante a cara
que aparece nos jornais
velhacos das agendas
nacionais perante os pastos
que ensaiamos em sonhar

o ouro é preto e explode céu acima
nas gargantas metálicas das mídias
são hoje cento e quantos corpos
correntes nas esquinas
são toneladas de lama
a mesma sobre os rios
águas do rio ninguém bebe mais

3

Uma menina atravessa a esquina
e se concentra enquanto zunem
centigramas de chumbo
asfalto acima rumo a tudo
que ela ainda considera
chamar de terra

são clichês poesia será parca
sob a cena chumbo sem número
dos dias será fraca
diante dos instantes
metralhados nas câmeras será nula
nas feridas dos que expiram
sem sentido

4

A contagem dos corpos segue cega
na foz na fonte e nos estanques
alguém sussurra nomes como
senegal ou beirute ou meros nomes
alguém contou as pilhas pela síria

alguém mal fala porque
os anônimos se amontoam
num canto os anônimos
entoam novos cânticos
numa fumaça
são cânticos aos drones
a morte é um mestre em toda a terra
resta o carvão dos corpos

5

Minas não há mais
dali alguém responde minas
nunca houve
daqui alguém replica
o sangue é negro
e corre o sangue
é negro e chega
o sangue corre
e chega o sangue
chega e cantam
o mantra eterno
das religiões
quanto tempo
vai durar
meu choque
o sangue é seco
e sofre o manto
negro das religiões
o sangue é negro
e morre
no mantra seco
das religiões

6

Alguém volta correndo
a cena é lenta
alguém volta correndo
enquanto alguém espera
a cena é mais romântica
jovens que de pretos e pobres
ainda e sempre restam
por pobres e pretos
sempre restam
mesmo que nem tão
pobres e pretos
fuzilados pela polícia
alguém volta correndo
e num enlace envolve o braço
e beija e é beijado
a propaganda é de desodorante
alguém volta correndo
e sai beijado
por ciclones e queimadas
alguém volta correndo
as mãos se tocam num sorriso

7

Paris não é o fim do mundo
a lama explode além
e nunca pode ser a mesma
nunca entraremos na mesma terra
que sobe acesa pelo escapamento
ao raio opaco deste sol

o sol no sal
alguém viu parece
alguma sauna
estalactites no concreto
estalam sobre máquinas
de costura entrelaçando
o nome sweatshop
a loja escorre o mesmo

escolas encerradas
se ocupam por garotos
que ocupam suas tardes
em descerrar as vidas
os corpos ganham corpo
frágil parco vivo
alguém procura por capim

8

Pasto surrado desterra não tem coro
se a lama abraça os braços
todos deste rio se este rio
teima e reteima em desaguar
no mar se nossos peixes
serenam sob as águas
um verso ainda

eu seria mulher da vida
eu corro nas entranhas do dia devagar
eu tenho filhos e não faz sentido
eu seria mulher do mundo
eu leio whitman para os desmembrados da manhã
eu cruzo serras e não faz sentido
eu seria a mulher do fim

eu canto quando a voz se arrasta
eu seria a mulher do fim do mundo
mas a voz não faz não chega à foz
a voz não traz não chega ao rés
a voz

9

Você constata triste
que já dinamitaram
a ilha de manhattan

talvez ainda reste chão

10

Beijamos novamente
as marcas de eldorado
achamos novamente
a terra sem mal
seguimos novamente
à terra de linchamentos

Tout est plein dans la nature

Cada porção da matéria
seria concebível
como um jardim pleno de plantas
e como um tanque pleno de peixes
mas cada galho da planta
cada membro do animal
cada gota de seus humores
seria ainda
um tal jardim
um tanque tal

(Nem geração inteira nem morte perfeita)

E mesmo que a terra e o ar
intercalados entre as plantas
do jardim
ou a água intercalada
entre os peixes
do tanque
não seja planta nem peixe
ainda assim contém

algo
deles
mas amiúde duma sutileza
para nós imperceptível

*(Cada alma conhece o infinito
conhece tudo mas confusamente)*

Assim como não há nada
de inculto de estéril
de morto no universo
nada de caos nada
de confusão além
da aparência mais
ou menos assim
como talvez num
tanque a certa
distância se veria
o movimento confuso
e turbulento por assim
dizer dos peixes
no tanque sem discernir
os próprios peixes.

A já considerável obra poética de **Guilherme Gontijo Flores** combina, em equilíbrio tenso (segundo o qual a cada momento um dos termos da equação parece sobrepor-se aos demais) experimentação formal, revisitação crítica e cuidadosa da tradição (de modo especial os temas e procedimentos de longa duração que remetem à Antiguidade e ao Medievo), convergência entre processos tradutórios e criativos, além de uma visão da história e do mundo social marcada, muito benjaminianamente, pelo binômio catástrofe e sobrevivência, termos contrários e, entretanto, inseparáveis para o escritor. Os poemas que emergem desse cruzamento de questões e referências são densos e multifacetados, abrindo-se tanto ao passado remoto, às vezes quase esquecido, quanto ao presente mais imediato — Gontijo Flores reage aos impasses do seu tempo, elaborando poemas de marcado teor político, textos capazes de incorporar a matéria instável do presente. Os poemas também manifestam certo pendor reflexivo, interessados em pensar, nos seus melhores momentos, a complexidade da relação entre a linguagem o real. Seja através de jogos lógicos da língua, seja através de um exercício do olhar que privilegie o desconcerto do mundo, isto é, que procure percebê-lo, sem idealizações, na sua inteireza e na sua crispação, o gesto do poema, em Guilherme Gontijo Flores, é uma volta sobre si.

ISMAR TIRELLI NETO

(Rio de Janeiro/RJ)

n. 1985

e. 2008

Caso Postal

Compro um postal
E para deter-nos

(A mim, a ele)

(Ao postal)

Sento-me a uma mesa do lado de fora

Dobrando a rua figurada

Na frente

Em tempo de maré alta

Depara-se este mesmo casario de sólidas fachadas brancas

Perfeitamente ritmadas

As juntas, as juntas das janelas

Os limiães ásperos, cores inambíguas, a sombra colonial

Centenárias construções abrigando

Agências de contabilidade, escritórios de advocacia

(Era este o verso

de que fugíamos no início?)

Tudo aqui tem luz e pedra e preço

Tudo quanto é figurado à frente nos conduz

A empórios

Lojas de souvenir

Balcões onde se negociam — som, fúria — passeios de escuna

Contudo no verso

Onde escrevo (onde

Ao escrever

Assumo forçosamente que estamos distantes

Ou mesmo mortos)

Não existe senão grande extensão

De breu

Não existe senão encerrar-se

O escuro de orfanatos

(Eles existem, esquecemos)
Eu subscrevo
O escuro de orfanatos, o escuro que canta
De pé
Atrás de um estacionamento, num jângal,
No verso do postal mais soalheiro, quem sabe, talvez
Seja a mesma paisagem
As mesmas correntes amarelas
Que apartam aquilo que é *propriamente* histórico
De tudo
O mais o escuro
A tudo empalma o escuro
Forrado de passos, de mar
e morgues, maternidades
música insituável
Cigarras que berram o *tempora o mores*
Brenha onde me perde a sugestão
De branco areal
Ao longe
(Existe, não existe, não existe *mais*)

Quando no mundo metem-me um sexo é; um sexo *não*;
vetor vazio; cilindro de papel; um idioma de papel;
membro coalho aqui; para sustar a espécie; sexo de
subtração; um sexo, não um arado

longa missiva na unha; repertório do vão; jorro baldio;
fonte e o fado de

tirar, tirar

Põem-se senões quando no mundo; quando no mundo
põem-me; um sexo ressalvado; a haste apesar; põem-me o
não ser sopro nem mente; o não sê-los uma espécie de
programa

Dão-me a fala que porta; esporra muros; festoada de
cachos; um sexo um emaranhado

A poesia de **Ismar Tirelli Neto** logo se reconhece. Uma assinatura notável no universo contemporâneo, no qual o excesso de textos e a rapidez das leituras tende a homogeneizar tudo. Seus traços mais evidentes são pouco comuns no universo da poesia brasileira do presente, ainda que não se trate de um autor que busca a novidade a todo momento. Talvez seja o contrário: o vocabulário raro e bastante específico, os ritmos entrecortados, a sintaxe tantas vezes caprichosa, cheia de voltas e peculiaridades, a exposição contínua de experiências de frustração e desejo, o humor irônico e autodepreciativo, tudo isso, nos poemas de Ismar, se combina para produzir textos que guardam um sabor algo antigo (sem soar, no entanto, passadistas). A marca do poeta talvez esteja nesse descompasso, no desajustamento que seus versos produzem em relação às expectativas do leitor de poesia mais ou menos bem informado sobre as tendências da época. Some-se a isso, ainda, as muitas referências ao cinema e à música popular que vão coalhando os poemas de signos do passado, cenas e sons perdidos no tempo e na memória que conferem ao conjunto dos textos uma leve melancolia. Essa é uma poesia afeita a mundos desfeitos, é verdade, mas que não comporta o peso trágico de um sujeito que irremediavelmente sente-se perdido. Disperso, atordado, mas ainda assim consciente de si, da sua linguagem e dos caminhos que pode, eventualmente, seguir: esse é o eu que se projeta nos melhores poemas do autor.

JOSOALDO LIMA RÊGO

(Coelho Neto/MA)

n. 1979

e. 2010

A cor da romã

não sabemos o destino dos sonhos
se uma praia real ou o saco de lixo
mas é provável que as imagens prediletas da infância
fiquem guardadas
até que um anjo terrível apareça

O céu de Suely

o rastro de uma moto
é barulhento e triste

rifa-se um destino
e não há nada a fazer

o rastro da vida
é barulhento e triste

rifa-se tudo
por comida e sal
e haverá sempre mais
fome e estrada a percorrer

joão & hermila
quando os olhos
cavados de afeto
anunciam mais uma despedida

Num cenário marcado por verborragia e poemas tantas vezes caudalosos, pela preferência por formas poéticas próximas da narrativa e por incursões bastante frequentes no terreno da prosa, a poesia de **Josoaldo Lima Rêgo**, minimalista e sóbria, se revela um raro e eficiente esforço de contenção. Os poemas curtos jogam com lacunas e silêncios. Muito do que aparece em seus textos são retalhos de afetos, histórias e cenas cujo significado não se revela de todo, mas que permanecem como pistas a indicar todo um continente submerso de experiências dolorosas. Mesmo nos seus poemas de nítida disposição política (trata-se de um poeta que procura trazer para o centro dos seus versos os sujeitos invisíveis da História, suas tensões e lutas), Josoaldo prefere a elipse e o fragmento aos excessos discursivos. Geógrafo de formação, o poeta elabora também uma poesia dos grandes espaços, atenta à paisagem e às múltiplas (e problemáticas) conexões do homem com o meio natural que o cerca. A “educação pelo fogo” que Josoaldo evoca, para além da nota cabralina, dá conta da violência atroz que atravessa e conforma o mundo social brasileiro (o cenário preferencial dos poemas), servindo de baliza para as relações dos homens uns com os outros e com a terra onde lhes coube viver.

JÚLIA DE CARVALHO HANSEN

(São Paulo/SP)

n. 1984

e. 2009

Estou sempre à espera de ver.
Vou na frutaria de olhos muito abertos
vez em quando meus ombros se fecham
quando muito chama a ver. Temem o fogo
que se alastra entre estalos nas estruturas.

Preciso dissolver um pouco dos vigiantes olhos
para encontrar todos os olhares que tenho por onde.
É assim que vejo também a confusão.
A confusão tem algumas coisas para me ensinar.
Essa pouca relação é a nossa.
Meu esteio é claro quando estou pisando
meu chão diamantado de dentes
de cada animal que comi para me tornar
humana. E assim poder dizer.

Mas eu sei
sou tão pontual
nasci para esperar
os deuses não.
Dia desses
ganharei outra velocidade.
Serei planta.
E hei de continuar
iluminada
pela água.

Exílio

Já estive tão certa de mim.
Hoje me levanto vertiginosa como uma fibra de trigo
como um girassol plantado ao acaso um catavento
o meu pensamento roda com o passar do tempo
em que ficamos sem nos ver.

No tempo em que ficamos sem nos ver
perdi alguns amigos — voltei a cozinhar.
Mas houve um dia em que eu fiquei tão triste
pra você ter ideia meu celular corrigia *saudável* por *saudade*
eu me comovia com o passarinho encolhido atrás de uma flor
e a flor mesmo através do vento mexida e revigorada.
Uma coisa estúpida de tão pequena.

Como eu. Fiquei tão triste que a boca me caiu da boca
depois tão amarga a boca passou dias a desencalacrar
um ou dois nomes de dentro de mim já
seria o suficiente uma ou duas ausências
mas em pouco menos de um mês perdi
57 milhões de habitantes a boca da noite caiu
era uma dentadura quem diria uma dentadura.
A constituição não sabe se há de aguentar este corpo.

Ficou tudo tão triste que saí pra tomar sorvete.
Fiquei com medo de contar isto pra mais alguém
tão nublado o tempo, podem me apontar: há contradição
entre se estar tão triste e sair pra tomar sorvete
uma problematização sobre a qual este poema passou raspando.
Agora vou mergulhar como um parafuso.

Isto desde o começo é só pra contar que na esquina
em que nos despedimos, alvoroço e delírio
um casal tão mais jovem que eu mais jovem que você então
nem se fala o quanto se beijavam com a língua da ênfase
tentei invejá-los — mas não consegui, o meu espírito foi sequestrado
pela alegria do chocolate na minha língua, eu não sei o que é *gianduia*
você certamente saberia me dizer mas não diria exatamente
não sei se por insegurança ou charme quem sabe piscaria lentamente
os olhos e se afastaria — eles não.
Eles foram embora abraçados.

A figuração do sublime tem sido um dos pontos de força da poesia de **Júlia de Carvalho Hansen**. Voltada para o território do sagrado, ela procura localizar, nos acontecimentos do dia a dia, nas experiências habituais da rotina e do corpo, a irrupção daquilo que, pura diferença, desafia o pensamento e resiste à representação. Sem hermetismos ou longa insistência na metatextualidade, seus poemas, no entanto, recusam a forma fácil da confissão e da identidade, traços muito recorrentes na lírica brasileira mais recente. A contemplação do mundo natural (em especial as plantas, sua existência solar e emudecida), a atenção estudada ao movimento dos astros e à interface possível dos corpos celestes com tudo o que é humano, além do interesse crescente pelos meandros do amor carnal, incluídos aí os mistérios do gozo e da fertilidade, ocupam lugar importante na sua poesia dos últimos anos, cujos versos, quase sempre alongados e graves, traduzem formalmente o que há de meditativo nesse trabalho. São visíveis as leituras que faz e os diálogos que procura manter com Leonardo Fróes e Herberto Helder, eles também poetas da sacração e do tempo extático. A dimensão espiritual da sua poesia é um traço distintivo relevante, talvez afinado com a recusa, crescente em certos círculos, ao consumo, à hiperconectividade e à aceleração do tempo que têm sido a regra dos dias que correm.

JULIA DE SOUZA

(São Paulo/SP)

n. 1986

e. 2013

Poema para esgotar a casa

Impossível fossilizar a casa
manter os dentes sadios
contá-los um a um em sua boca
impossível conter o sorriso
mesmo sabendo que a casa
é uma outra.

Vontade que a casa anule
o mundo que a casa seja
o próprio mundo
que a casa seja um aquário
seja um museu
(do not disturb).

Não quero querer mas
quero de volta a impossível
casa autêntica:

se conseguir atinar a vastidão
de seu presente
serei um recém-chegado
crônico.

Já é impossível pensar
o mundo sem a mediação
da casa

(teria sido preciso esgotar o tema da casa).

É preciso interditar a casa
deixar que o mato a engula
cresça sem rodeios
dentro dos carros forre
a mesa de jantar esconda
a insistência triste
dos remendos,

teria sido preciso.

Teria sido um começo.

Segunda-feira

segunda-feira acordamos
com a notícia: havia
uma bomba-relógio
amarrada a um poste
na avenida paulista

como de costume
eu não tinha escutado
as trovoadas à noite
como de costume
eu não tinha previsto
o ponto de ebulição
que as coisas atingem
na abertura da noite

eu não tinha percebido
como de costume
a bomba-relógio estava armada
a bomba-relógio era a ameaça
da noite engolir tudo o que veio
depois

os técnicos do esquadrão antibombas
desarmaram a bomba-relógio
a tempo de salvar a segunda-feira

mas você
você não queria ser salvo

A poesia de **Julia de Souza** tem na interseção entre o dentro e o fora, a casa e a rua, o corpo e as coisas, o seu elemento fundamental. Dois de seus títulos (a poeta tem três livros até agora) apontam para o tensionamento entre a relação interior/exterior: *Covil* (2013), no qual se percebe a sobreposição do lar e do esconderijo, da proteção e do desconforto do corpo resguardado, e o recente *As durações da casa* (2019), no qual a memória do convívio e da intimidade com as pessoas, os objetos e paisagens interiores servem de referência para a elaboração de poemas ora melancólicos (centrados na ausência), ora objetivos, voltados para a descrição continuada, repetitiva, do que se vê e sente no espaço particular da casa. A figuração da vida íntima que a sua poesia, por um lado, procura construir, se aproxima bastante das estratégias compositivas e ficcionais da poesia brasileira (principalmente carioca) dos anos 1970, com sua espontaneidade e graça calculada, sua ênfase subjetiva, com a mistura entre o registro da experiência e a notação leve de matiz metapoético. A atenção dispensada ao gesto e às sensações vai nessa direção. Por outro lado, o olhar lançado às coisas, a tentativa de apreendê-las com cuidado, descrevendo-as, retornando a elas muitas vezes, sob diferentes ângulos, dá à sua poesia uma inflexão objetiva que indica, do ponto de vista das poéticas disponíveis na tradição brasileira (para ficar só nesse circuito interno), o esforço de concentração e a busca da imanência dos anos 1990. A flutuação entre esses dois marcos epocais reforça, em termos mais amplos, o pêndulo fora-dentro junto ao qual oscila Julia de Souza: a encenação de si, necessariamente voltada para o espaço público, e a ênfase descritiva e plástica, de fundo realista e estritamente privado.

JÚLIA STUDART

(Fortaleza/CE)

n. 1979

e. 2015

logomaquia

para o nuno

1.

cinco blocos de mármore
branco, quinze a trinta
toneladas com
espelhos e um caderno
de notas soltas. tudo
permanece quieto
para um lado para o outro

2.

nos últimos dias reli Kundera, *lhe contei?* a mãe de Teresa e a sua necessidade perversa de exhibir o corpo, a própria ruína, raiz gasta e podre, bem como expor os segredos da filha, o diário íntimo roubado. Kundera anota, *quando uma conversa entre amigos diante de um copo de vinho é transmitida pelo rádio, uma coisa fica evidente: o mundo se transformou num campo de concentração.* e lembrei imediatamente de você quando me dizia baixo que há sempre uma filigrana de tempo íntimo e convulso impossível de dividir. e assim mantemos as nossas circunvoluções intactas, o espaço justo

3.

penso na nossa recente desavença cômica entre os termos *cona* ou *boceta*. você argumenta com pressa, diz que a palavra pode ser apenas um trambolho solto no mundo ou uma imagem viva e sagrada, *espécie de partícula, energizada e louca pra conhecer a*

vida. talvez tudo isso seja uma questão geracional e mal resolvida entre nós dois. por isso mesmo recomponho a cena, o romance de formação descoberto aos onze anos na casa do avô, seu provável ‘porquinho-da-índia’ *encapado em papel kraft por algum adulto punheteiro*. *SEXUS*, do Henry Miller, você repete com certo entusiasmo infantil, *SEXUS*

4.

lembro a você do poema de Jose Asunción Silva, a vida lançada no tempo simultâneo, a máquina, a soberba do trem. Asunción dá um beijo de boa noite em Vicenta, sua mãe, e também em Julia, sua irmã. veste calças de casimira, botas de couro e uma camisa de seda branca que trazia a borra do lugar preciso do coração na caixa torácica. se mata no dia 23 de maio de 1896, aos 31 anos. revólver *Smith & Wesson*, cigarro turco na mão esquerda e um exemplar de *Il Trionfo della morte*, de Gabriele D’Annunzio na mesa de cabeceira. tiro no coração milimetricamente estudado. enquanto o homem viaja no trem ele imagina que, na direção contrária, passa pelo fio do telégrafo um poema de amor. e isto é um segredo, isto não é um campo de concentração. digo a você, imagino, Tarkovski gostaria muito desse poema. *um escondido telegrama de amor num fio de arame* atravessa o espaço, copia o poeta concreto — e esse é o meu romance de formação

5.

transcrevo pra você alguns versos de Asunción na tradução de Manuel Bandeira, nosso poeta favorito

E nos céus

*Azulados e profundos esparzia a lua cheia sua claridade
branca*

*Tua sombra,
Fina e lânguida,
E a minha,
Projetadas pelos raios do luar na areia triste*

poetas complementares, imagino, excesso de vida e escassez de vida. Bandeira espera a morte que não veio desde os 18 anos, Asunción desiste aos 31. quase sempre sonho com esse croquis eterno na camisa de seda branca,

o último trem subindo ao céu

o kora

há muitos anos
dou a volta na
mesma imagem e
assim que vi a
garota tuaregue
correr pelo deserto
com o choro mascado
roendo a morte dos
pais pensei nela
outra vez antes
de fechar os olhos
como um *flash*
amarelo
a última cor do
mundo de
borges um
instantâneo de
Mali a longa túnica
branca as 21
cordas a vibração
do seu apetrecho
de felicidade

Júlia Studart experimenta com as formas, força o poema em direção ao ensaio e ao diário íntimo, busca cruzar as fronteiras dos gêneros e dos saberes. Em seus textos, o lirismo emerge em meio à passagem pela crítica e pela teoria, num processo de hibridização contínua da escrita que desestabiliza o sentido e faz duvidar dos modos de leitura convencionais. A passagem de uma forma a outra na poesia de Studart se dá, em grande medida, pela prática do fragmento e da colagem. A tensão criada pela aproximação do descontínuo e do estranho — elemento central de seu livro mais importante, *Logomaquia* (2015) — é uma das tônicas do trabalho poético da autora, no qual se podem ouvir muitas vozes, toda uma rede de sons e citações que vão se acumulando ante o leitor, numa combinação complexa de endereçamentos. A linguagem coloquial e contemporânea mobilizada guarda, nos mais interessantes poemas da autora, um desejo de precisão (vocabular, conceitual) que não se deixa perceber com facilidade. A questão do nome é importante, bem como o interesse pela concretude tátil do real. Ainda que pareça afastar-se em certos momentos, a poesia de Studart elabora suas imagens e ficções para atravessar a realidade imediata, ser atravessada por ela — daí a busca renovada pelos modos de expressão que, um pouco como antes fizera Ana C. e, agora, realiza Annita Costa Malufe, se dá pela dispersão das formas, das vozes e das identidades, todas elas tornadas, pelo trabalho poético, inaturais.

LEILA DANZIGER

(Rio de Janeiro/RJ)

n. 1962

e. 2012

Carlo, 20 de julho

pela manhã
em minha porta
sobre o carpete de entrada
no caderno *Mundo*
do jornal

— *o dia trágico e nublado*
de Carlo —

o manifestante
nascido em 1978
o carabineiro
nascido em 1980
não deveriam se encontrar
em dois disparos
e no corpo-
imagem
caído à minha porta
pela manhã
do dia seguinte
a 20 de julho
ano 26
do assassinato
de Pasolini

naquela sexta-feira
de verão
Carlo
deveria ter ido à praia
não estivesse o dia

nublado
não estivessem
oito dirigentes
do mundo
em Gênova

e é ainda preciso responder
à sombra
daquela manhã
projetada no carpete de entrada
em minha porta
por um policial armado
um manifestante desarmado
reunidos na imagem intolerável
— esta —
do filho do sindicalista
Giuliano Giuliani

que assim não leria
o poema inaugural
do século vinte e um
não veria os que saltaram
das torres em chamas
poucos meses
depois daquele 20 de julho
nublado
serem fígados
pela poesia
de Wisława Szymborska

e continuarem
ainda
agora
suspensos
salvos

por instantes
nos domínios
da palavra
da imagem
e do ar
na esfera de lugares
que acabam de se abrir

Hebraico

À direita da mesa
29 cartões com as letras do alfabeto
método *Ler é fácil*
comprado por meu pai
em 1968
por duzentos e vinte cruzeiros novos
pagos à Mazal, rua Senador Dantas, 45-B, sala 801 —
recibo guardado em um envelope da Revista Engenheiro Moderno
Examine todos os itens do método
Tome agora a sua decisão

Retiro o elástico que reúne os cartões
entregues assim
 à mesa
 em dispersão

e leio —
o delicado trabalho do mofo
que avança decidido pelas laterais.

(Há poderosas formas de vida
que se reproduzem
em úmida comunidade
desde o Levítico.)

Reúno novamente as letras do alfabeto.
Investigo a origem da dissolução
que se propaga a partir do canto superior direito

e percebo —
sedimentações esbranquiçadas
formaram-se
no ponto exato
onde meu pai segurava os cartões.

Na poesia de **Leila Danziger**, a pequena e a grande História se cruzam e confundem. Os acontecimentos decisivos do século passado (a Shoah, sobretudo) e da época presente (os protestos anticapitalistas, o atentado às Torres Gêmeas) estão postos no mesmo plano que os acontecimentos corriqueiros do dia a dia de pessoas comuns. A existência invisível dos objetos, seu desgaste, a poeira que acumulam, o rastro da presença humana que deixam perceber valem, num certo sentido, tanto quanto as explosões atômicas de Hiroshima. Tudo o que existe agora ou um dia existiu interessa à essa poesia, que se apresenta muitas vezes como uma espécie de arquivo da vida menor (nisso dialogando fortemente com um autor como W. G. Sebald, por exemplo). A memória opera por entre os versos firmes e delicados da autora, num trabalho de recuperação do passado familiar e comunitário que inclui os rituais do luto e as dinâmicas da imaginação. A vida que foi e a que poderia ter sido coexistem. Outro traço importante da poesia de Leila Danziger é a sua relação com as artes plásticas. Muitos poemas nascem dos processos múltiplos da criação visual, que incorpora imagem, palavra e ambientes na execução das obras. Alguns textos parecem vir da vivência do ateliê, onde os materiais se misturam e um outro olhar sobre a matéria se constrói — olhar mais demorado e contemplativo, para o qual em cada fresta, poro ou mancha se esconde (pode se esconder) um universo inteiro.

MARCELO ARIEL

(Santos/SP)

n. 1968

e. 2008

Caranguejos aplaudem Nagasaki

(Vila Socó)

Corpos em chama se atiram na lama
mulheres e crianças primeiro
caranguejos aplaudem Nagasaki
bebê de oito meses é defumado
enquanto Beatriz
agora entende o poema derradeiro
Beatriz mãe solteira antes de morrer
deu um inútil pontapé na porta

No ar
gritos mudos
a noite branca da fumaça envolve tudo
alguém no bar da esquina
pensa em Hiroshima
nas vozes
horror e curiosidade acordaram a cidade
se misturando
dentro do inferno olhos clamam
por telefone
o ministro é informado
— O fogo os consome...
A sirene da fábrica não
silencia
Dois serafins passando pelo local
sussurram no ouvido
Do Criador
“Vila Socó: meu amor”
Uma velha permaneceu deitada
em volta da cabeça na auréola

o último pensamento passa
o coro das sirenes
no meio do breu iluminado
uma garça voa assustada
com os humanos e seu inferno criado
no mangue o vento move as folhas

Um bombeiro grita:
— KSL! O fogo está contra o vento! Câmbio...

Foi Deus quem quis
diz o mendigo
que sobreviveu porque estava dormindo no bueiro da avenida.
Um orgasmo é cortado ao meio
quando o casal percebe o fogo
queimando o espelho.
Voltando no tempo
lamentamos
o movimento do gás
levíssimo iceberg
que converteu fogo em fogo, horror em horror

Vila Socó
estacionou na História
ao lado de Pompéia, Joelma e Andrea Doria
Pensando nisso
ergo neste poema um memorial
para nós mesmos
vítimas vivas do tempo
onde se movimenta a morte se espalhando na paisagem
como o gás
que também incendeia o sol
(bomba de extensão infinita)

Beatriz sentou perto da porta e ficou olhando o fogo.
Até que invade a cena a luz suave de um outro sol frio
Fim de jogo.

(O que não queima)

Beatriz agora é outra coisa e contempla:
raios negros num céu negro
depois brancos num céu branco
suavemente penetrei num jardim
onde uma única árvore existe.

(O incêndio acaba e a garça pousa no mangue, onde os anjos sonham)

Naquela noite um acordou
andou no meio das chamas
e as chamas
o queimaram.

Em Cubatão

num céu que não nos protege
contemplando a procissão dos falsos replicantes
sendo sugada pela interzona industrial
cercada de favelas
pétalas dessa flor do mal
ouvindo o sino de fogo de Rimbaud
(que aqui seria só mais um desempregado carregando o
pólen da morte
flor enorme e cósmica
desse jardim das trevas
onde os nomes das cidades ou dos Poetas
serão nada)
Um sol negro irradia esse silêncio atômico
Voltando ao poema
ponto final do ser,
a besta pára
na Praça Euclides Figueiredo, desço
entro na Rua Camões e sigo pela
Machado de Assis.
Amém.

Marcelo Ariel traz para o centro dos seus poemas a vida miserável da periferia industrial do capitalismo. Cubatão, a Baixada Santista e as bordas da própria cidade de São Paulo são os territórios mortíferos que sua poesia frequenta e assimila. A violência onipresente nos seus versos mistura sons e imagens da pobreza, do racismo, de ações dos grupos de extermínio ligados ao Estado e das facções criminosas do tráfico. O mesmo se dá com a poluição e as catástrofes naturais ou humanas, incorporadas ao seu trabalho. Em meio a tudo isso, no entanto, a linguagem do poeta não se confina ao realismo bruto: busca, muitas vezes, a elevação do sublime ou o desconforto inquieto da abstração filosófica. Dois traços singularizam a produção de Ariel no cenário contemporâneo do país: em primeiro lugar, a voracidade referencial dos seus poemas, que deglutem e manipulam uma quantidade muito grande (às vezes mesmo excessiva e disparatada) de leituras e referências culturais, fazendo dos textos palco de diálogos insuspeitados entre músicos, pensadores e literatos, que conversam entre si como espectros distantes do mundo humano. Em segundo, a proximidade do poeta com o pensamento ameríndio e com formas heterotópicas do saber. O estranhamento profundo que sua poesia provoca, e também o interesse variado que mobiliza, vêm do seu desejo de diferença — o mundo, a linguagem, as formas poéticas: tudo é estranho e descentrado no seu trabalho.

MAÍRA MENDES GALVÃO

(Brasília/DF)

n. 1981

e. 2018

ressaca-rebôo

carta selenográfica aponta em mare imbrium noturno a guarda
por enorco dragão (ou trono), assentada em provisões ou projeção
de uma horda de ex-votas, avivada pela moraça pelágica

a cabeça submersa, dioniso berrador, capitula pontos e copas
conservado em winedark sea minutos a fio, a contagem das noites
o engrandecimento das memórias ou vistas à distância baça

cratera em eterna formação aceita todavia objeto celeste
protoplaneta de substância coloidal e densa, e coesa
no seio palustre o corpo impactor que se encastra

em baía fervilhante, intenso bombardeio oportuno e auspício
de cornucópias desplangentes e néctares férteis de mina
a superfície rasgada, a vaga motor de vagas, além-vida

a jazida da minha cabeça

na terra cinábrica
ou descorada de sonho
me vi órbitas afora
já morta:
cabeça autodecepada.
os cabelos entremeando a superfície
desenhavam o solo como lava,
a jaca ainda tenra,
glaucas bilas opalescentes;
eu via, olhava fixo, sabia
ser a legomena assassina
a executora da degola
a híbris desvairando arremedada
em cálculos e amolações.
e, examinando, tentava engenhar
o escape e como acordar
com aquele agora eterno
metal na língua
lingote grosso
apuro rômico e
todavia embuçado
nas meias-tintas da vigília.
viva e morta adejam:
hagia-hetaira-daemonia
aristi cthonia-megara.

Maíra Mendes Galvão usa de modo bastante particular a língua, sustentando-a num ponto de atrito permanente, no qual tudo é ruído e cálculo. O vocabulário incomum, repleto de termos técnicos, expressões idiomáticas, traduções e anacronismos, é o centro de uma poética de choque, organizada a partir de uma lógica de invenção. Como se sabe, repropor a linguagem, desnaturalizá-la, é oferecer um modo radicalmente diferente de perceber o mundo. O uso de outras línguas contribui para esse efeito de distanciamento, mas também procura ampliar as possibilidades expressivas da operação poética: a composição que surge em outra língua (o inglês é o horizonte aqui) acentua o caráter babélico do projeto em tela, bem como dobra a aposta do desafio proposto ao leitor. Distante do realismo terra a terra e da gratuidade da expressão coloquial tão comuns na tradição brasileira, a poesia de Maíra Mendes Galvão não foge, entretanto, do seu tempo histórico e das contradições que o sacodem. Há um elemento político nos seus versos, especialmente dirigido ao problema das relações de gênero, que desfaz qualquer impressão formalista que o cuidado morfológico com que a poeta trabalha possa, inicialmente, despertar. O metal que a poeta sente abrigar-se na língua dá peso e dureza aos textos, é certo, mas não exclui a possibilidade do humor e da auto-ironia, outras linhas de força do seu texto.

OTÁVIO CAMPOS
(Juiz de Fora/MG)
n. 1991
e. 2013

Plano sequência

Você tem muita consciência
do seu corpo e de tudo que ele toca
Eu volto a casa pensando
nas coisas telúricas e em outras formas
de te comer sem que te esgote
Agora no Porto provavelmente
chove e você deve estar pensando
nas partículas do signo acidente
nas escadas e na descida com cuidado
Eles pensam nas suas costas
em outras maneiras de chegar de perto
antes do encontro e o estrago
As equipas de busca se confundem
às equipas de reportagem e nós rimos
do fim disso tudo como fosse um livro
ruim ou um filme narrado em flashes
pense nas 30 linhas daquele poema
pense na bandeira sobre as casas
Eu volto a casa pensando
nas coisas telúricas e em maneiras
de revelar às pessoas que uma cidade
pode causar mais estragos
do que certas guerras mais absurdos
do que pedir um motivo para este facto
As equipas de fuga discordam
com vigor desta palavra exposta
como uma fratura no roteiro
Pois se não fosse colocar tudo
à perda não haveria motivos a sair
da casa criar um melodrama

pense na sequência em neon
pense nos golpes que viemos tomando
E então não pense
Não pense no olho do jaguar que espreita
na rua abaixo com a iluminação saturada
os fatos da dança flamenca
Porque estamos descendo
então não pense nas casas miúdas
que não ouvirão um ruído
sequer do disparo e da sequência
Você tem muita consciência
do seu corpo e de tudo que te toca
embora a mecânica ainda não
acorde o afeto uma espécie de motor
os tempos do tango insistem

Caderno de catecismo

Os adultos abrirão as portas da casa
E depois nos contarão histórias de susto
Penso na pedra que arrasto língua afora
Fora isso não somos felizes

Pode ser que não haja mais forças
Para ser alegre com as outras crianças
Para usar um espelho redondo
Me reconhecer entre as imagens

Mas se aquilo o que voa é pássaro
Penso a pedra por dentro a encostar
Nos meus dentes nas gengivas capturo
Pelas mãos o apertava até que morresse

Depois cantávamos os hinos
O dia ia embora prematuro
Se acaso a morte virasse banquete
Fazíamos a oração de olhos fechados.

Otávio Campos é autor de poemas de alta carga afetiva e erótica. A inscrição do desejo é um dos temas recorrentes da sua poesia, que se faz em estreito diálogo com a lírica portuguesa contemporânea. O homoerotismo dos seus versos não exclui a presença da violência, antes a acentua: para o poeta, o amor e seus movimentos são brutos, cheios de arestas e desencontros, por um lado, e da espontaneidade furiosa do corpo, por outro. Seu livro mais bem elaborado, *Ao jeito dos bichos caçados*, traz também ao primeiro plano o universo do cinema, pletora de referências e procedimentos que o poeta incorpora com inteligência, especialmente na construção das pequenas cenas e esboços de narrativas que se espalham pelos seus poemas. A dicção do poeta, entre o coloquial e o severo, tem laços com poetas modernos do Brasil e do exterior como Drummond (de cujo *Claro enigma* Otávio recolhe o título do seu último volume), Frank O'Hara, Adília Lopes e Manuel de Freitas, por exemplo, com os quais compartilha o interesse por uma poética do cotidiano que se vê atravessada pelo sexo eventual, pela memória e por um uso apenas aparentemente despretenhoso da linguagem. Como nesses autores, a simplicidade é enganosa e esconde muito mais do que pode parecer à primeira vista.

REUBEN
(São Luiz/MA)
n. 1984
e. 2012

emissões pélvicas d luz
1 corpo danifica-se p/ chegar a si msm
o tempo danifica-se
observa a ti msm discretamente
= faz c/ qqr pessoa
olha d esguelha
qqr pessoa
queira e possa te encontrar
deformado d autêntico esplendor
o correr do tempo ã hierarquiza os fatos
a cada dia decides ali msm o qe fazer
teu olho sangra sem sinônimo
podes morrer mas regeneras rápido
e voltas p/ danificar a divisão do trabalho

Vivo, vivaz
sangra sangue

a evidência
da luz

n'água
esgarçada

horizonte
drástico

proezas
do caminhão de
lixo

Prolífico, avesso a qualquer tipo de estabilização e normatividade (recusando, inclusive, a própria assinatura, dado que o autor já publicou seus livros sob diversas outras rubricas), **Reuben** escreve e performa poemas que têm a experiência e a experimentação como eixo. Poeta do sensorial e da presença, do corpo que se lança contra o mundo, Reuben reivindica, nos seus versos, a possibilidade de uma existência plena num mundo danificado. Opondo o sexo à lei, o pixo contra a propriedade, a cidade aberta aos espaços confinados do poder, à imaginação, enfim, contra a identidade normatizada e estéril, o poeta faz dos seus poemas plataforma para o pensamento crítico. Próximos, às vezes, do aforismo e do ensaio, eles destronam a exclusividade da razão: é com o corpo que se sabe, é com os sentidos em alerta (pelo desejo e pela revolta) que se pode opor resistência, verdadeiramente, à máquina de exclusão e violência do nosso tempo. Por outro lado, e em conexão com essa ética da presença incrustada em seus textos, Reuben refaz sistemática e continuamente a sua obra, variando, de livro para livro, a linguagem, os ritmos, as formas da sua poesia. Das colagens visuais dos primeiros trabalhos, ele logo salta às anotações rápidas, próximas da prosa, nas quais a fragmentação e o registro da vivência urbana ganham destaque. Nos seis volumes de *Siga os sinais da brasa longa do haxixe*, traz o poema épico moderno e a narratividade *sci-fi*, ao mesmo tempo em que propõe uma meditação distópica e futurista sobre a crise ecológica e política que cinge o presente. A seguir, num giro sobre si, o poeta vai (e esse é um dos últimos estágios da metamorfose que pudemos acompanhar) às distorções sonoras da performance e ao verso minimalista, cuja concentração de efeitos busca, no cerne das tarefas banais, o salto epifânico.

RITA ISADORA PESSOA

(Rio de Janeiro/RJ)

n. 1984

e. 2016

como batizar um ciclone atlântico

para priscilla menezes

 você me assegura que
a tarefa de manufaturar a tempestade
 deve ser como
a atmosferização do poema
como descolar uma palavra da outra
: seccionar a polpa
 da casca
ou como subordinar a sua paisagem
 à escansão algorítmica do vento
 mas o silêncio dos astros segue
 numa linguagem temporária
[como nomear a passagem de um a outro?]

uma tempestade do tamanho do estado de ohio

 você garante: o ciclone toca o solo
como um ponto de voragem
toca o mapa geológico de alguma página escrita em tempo real acredite

 você diz
[qual é mesmo o nome do ponto?]

85% dos furacões se formam a partir dos ventos africanos

você desliga a tevê e promete jamais assistir telejornais novamente
alimenta os peixes
 sugere distraidamente
um cronótopo de deserto um nome
 uma mulher
prateada como um arenque finlandês

montada num cavalo
em seu epicentro

— a imagem que te vem
é de um leviatã composto de destroços e vento
que se move
de um ponto a outro

[dar nome a um ciclone é ser
também nomeada por ele, você conclui]

você segura com dificuldade
uma lanterna entre os dentes
fixa o olhar sobre horizontes imóveis
para desacelerar a vertigem
como sua mãe ensinou
você não tem certeza
sobre a intenção da tempestade

: um tropismo de ilha
que não sabe se é continente
ou oceano

sereia blooming blues II

nas séries policiais draga-se um rio
com a facilidade com que se passa um café pelo coador de pano
buscam-se corpos em decomposição, pistolas submersas,
provas circunstanciais ou não
dna preservado em estado de hóstia

é fácil dragar um rio
[parece]

mas como dragar a memória
na busca de um estilhaço de dor
um início uma história
um grão
um dente de leite jogado em cima do telhado
a primeira vergonha
o primeiro animal de estimação

dragar um rio
eles disseram
é como coar café

numa tessitura maior
numa escala de titãs
ou melhor

é mergulhar
no escuro
sem saber
se o que brilha na lama
entre algas de um ecossistema complexo
é uma placa de titânio no quadril desmembrado de um cadáver

A poesia de **Rita Isadora Pessoa** se volta para o feminino e suas questões a partir de um repertório de imagens surpreendentes, cadeias de metáforas vivas e passionais que têm como base, muitas vezes, o corpo, a sexualidade e a morte. A leitura de poetas como Sylvia Plath e Alejandra Pizarnik marcou, sem dúvida, a autora, mesmo que ela não trabalhe com o registro minimal que tantas vezes caracterizou essas poetas. O que Rita Isadora traz dessas referências (e também, em alguns momentos, de poetas como a americana Diane Di Prima ou Ana Cristina Cesar, esta última um ponto de passagem incontornável para tantos escritores brasileiros contemporâneos) é a alta voltagem emocional dos seus textos, a intensidade com que, a partir de analogias cheias de sangue e som, os poemas vão se fazendo. Não se trata, queda claro, de confessionalismo. Uma inscrição deliberada dos afetos e dos desejos se faz nos textos como ferramenta criativa, o que se pode perceber, de modo lateral mas não menos importante, na insistência dessa poesia em nomear vulcões, incêndios, vendavais e outros tipos de cataclismos: os acidentes incontrolláveis da natureza apontam, pela sua violência, para a energia reprimida que a autora parece querer representar. O vocabulário com que elabora os seus poemas é também hipermoderno, colhido na terminologia tecnológica das redes sociais e dos agenciamentos culturais do mundo atual, mas, em certos momentos, indica inegável origem romântica, visível justamente no gosto pelos fenômenos naturais extremos e o efeito dramático que trazem à sua poesia.

TATIANA PEQUENO

(Rio de Janeiro/RJ)

n. 1979

e. 2009

iniciação à gramatura

às vezes quando chego tarde da rua a trabalho e o dia é mais fim do que noite ou madrugada reparo na iluminação do apartamento térreo focos de luz amarelada conversas mansas entre delicados sons dos talheres sendo colocados em cima dos pratos de louça dentro da pia às vezes paro depois do portão e olho de longe a luz estourada fazendo sombras nos quadros modestos e matematicamente curados na maior parede da casa na sala

todos os dias antes de sair olho para dentro da habitação onde moro para guardar a luz dos horários e entender a dinâmica dos ventos e no primeiro andar antes de fechar o portão cuido das pequeninas plantas que os vizinhos arrumaram nas grades protetoras da janela

sei que plantas não sobrevivem sempre mas quando as minhas e as deles estão firmes e a luz amarela amanheceu acesa eu entendo que carrego comigo o perfume do tomilho e do sono daqueles que amam abro o portão e me despeço devagar do bairro e o pico do grajaú amanhecendo quando viro a esquina o cheiro do café reescreve em mim a luz amarela e o dia comunica aos meus pelos um bom presságio.

à deriva com o mar ao fundo

há uma imagem muito preciosa de nós. por meses ela acompanhava o abrir involuntário da caixa de mensagens e o dia tão outonal da tua presença chegava mais veloz para a reserva dos voos de ir ao encontro da tua larga omoplata de receber. a fotografia arquiva aquele dia já tão passado de julho (outro inverno) e na tua blusa xadrez há alguma coisa negra de mim enquanto no meu vestido preto há um detalhe de ti, além daquilo que são os teus brincos muito arredondados. e estou ancorada no teu corpo a dizer algo do tipo «queria que aparecesse o mar». nas ruas da Barra e do Rio Vermelho procuramos mais uma vez a linguagem modesta do aluguel - esta coisa menor - que estivesse ao nosso alcance chegaste a ligar para um pequeno imóvel com varanda, do qual abstraímos rapidamente (os preços sempre nos foram valores difíceis) temendo a oxidação dos ferros e o gasto com eletrodomésticos novos e alumínio ao ficarmos tão próximas dos efeitos do salitre presente no movimento equatorial da maresia, fomos também ao banco onde sob tua fala aceitei que fosse a hora de mudar agência. mas sobretudo os investimentos que não tinha. indago-me hoje se era já altura de perguntar sobre os segredos

cada vez mais graves que tu mantinhas.
talvez fosse o caso falar da brisa futura
a corroer a casa ou da umidade plausível
a destruir os livros. se enfim já pensavas
na troca ligeira das operadoras a longas
distâncias de nossos telefones. de qualquer
forma, ali, os planos pareciam todos feitos.
(havíamos escolhido um nome africano para
aquela criança adotada que seria nossa filha)
era quase tarde naquele imenso dia e no en-
tanto paramos novamente ali naquele porto
na orla e, para sempre, o Sublime registrou
algo que te parecia sorrir e a mim também
sem que soubéssemos, afinal, que atrás de
nós a larga água de todos os santos nos des-
protegia e nada depois de alguns meses faria
você desistir de preferir o sul àquela luz em
que insisti no ajuste da câmara para na memória
fazer caber, à esquerda o amor e à direita o mar.

A poesia de **Tatiana Pequeno** é pessoal e memorialística, construída como uma coleção de cenas formativas da vida nos confins de uma grande cidade, o Rio de Janeiro. A dinâmica familiar, os tropeços da infância, a proximidade consoladora do mar, a vida comunitária do subúrbio, com seu tempo e sua sociabilidade muito particulares, toda essa matéria lírica se combina nos seus poemas a uma sensibilidade poética de inspiração portuguesa, em especial aquela que se volta para a melancolia e a inscrição das águas na memória e no tecido social comum: há algo de Sophia de Mello Breyner Andresen aqui, bem como de Al Berto. Seu último livro, *Onde estão as bombas*, acrescenta a esse arcabouço pessoal todo um continente de aflições públicas, perceptíveis já no aceno anarquista trazido pelo título. O assassinato de Marielle Franco, a ascensão da extrema-direita no Brasil e no mundo, o sexismo violento e tantos outros acontecimentos trágicos do nosso tempo são repassados pela poesia de Tatiana, que toma partido e nomeia, sem hesitação, os seus inimigos e os crimes que cometeram e continuam a cometer. Não deixa de ser um gesto lógico e complementar, no seu trabalho, esse aceno mais direto às guerras políticas do presente, na medida em que tornam evidente como sempre foi relevante, para essa poesia, o trânsito entre a casa e a rua, a existência privada e o espaço público.

À ESPERA DA
SEGUNDA DENTIÇÃO

DANIELLE MAGALHÃES

(Rio de Janeiro/RJ)

n. 1990

e. 2018

quando o céu cair

em berlim eu passava
grande parte do tempo olhando o céu
muito azul bem no final do inverno
fazia muito frio e eu achava engraçado
porque parecia que o céu contradizia
a temperatura
como pode tudo ficar tão
bonito com uma temperatura tão baixa
em berlim eu fiquei no lado oriental
mas um dia fui ao lado
ocidental em uma rua
onde havia muitas mulheres sírias
pedindo alguma coisa para qualquer um
que passava
eu sentei em um banco de uma praça
e uma das mulheres percebeu talvez
ela não é alemã e veio
falar comigo em inglês
perguntando se eu sabia falar
inglês? eu disse mais ou menos
o que na verdade
foi resposta nenhuma
então ela pegou um papelzinho e começou a ler
a mesma pergunta
em várias línguas línguas
que eu nem sabia
que existiam
sempre a mesma
pergunta e eu fiquei sem reação não consegui
parar de olhar para

o papelzinho com a mesma pergunta até
em português ela lia
uma por
uma atrás da outra
sem interrupção até
que ela terminou de ler ela
levantou os olhos para a minha cara e antes de
se virar e procurar outro
qualquer alguém ela
me olhou por um segundo e meio
frustrada meio irritada
como quem não aguenta mais
repetir sempre a mesma coisa
em línguas diferentes para
todo mundo the whole world
que parece falar língua nenhuma
sem entender palavra
de nenhuma língua sequer
da sua que parece nunca ter sido
sua
ela
fala para ninguém
ela fala
para ninguém
como eu sem expressão como alguém
que não estava entendendo
como se eu não falasse
mas é ela que fala
todas as línguas
vêm dela todas
as línguas são todas
elas concentradas em uma pergunta
que se repete
em ouvidos outros
em rostos sem

rostos
sempre sem resposta
o céu muito azul
estava no rio
anteontem antes de
ontem e antes e antes
no mesmo momento na mesma hora
os imigrantes estão morrendo
entre a ásia e a europa
os imigrantes entre
a áfrica e a europa imigrantes
entre a américa e
a américa o mundo
parece que fica todo tão
bonito e a vida parece
que faz tanto sentido
quando o céu muito azul do início
da primavera
cai sobre o rio
um dia antes da foto do menino sírio
morto se espalhar pelo mundo
que desde um dia antes
e antes
parece que foi sempre ontem e nunca
hoje
e sempre esse céu
sobre berlim ou aqui aqui
ou lá
paira na atmosfera do universo
contradizendo a temperatura
do mundo
e deixando sempre a mesma pergunta
sem resposta
em todas as línguas

P

31 de agosto
aniversário do meu pai
quer dizer do homem que eu chamo de pai
desde os meus 6 anos de idade
31 de agosto de 2016
ao fim
de seu discurso após o golpe
a presidenta cita o poema
E então, que quereis?
de vladimir maiakovski
o nome dele era
vladimir o nome do meu pai
o nome do homem que eu chamei de pai
até os meus 4 anos de idade
quando ele morreu
por um tiro
assassinado
por muitos tiros
dirijo-me a esse pai
que tinha o mesmo nome que maiakovski
e a mesma inicial de seu sobrenome
m de magalhães mas
meu pai não era revolucionário
meu pai era P.M
policia militar
se ele estivesse vivo
se eu ainda o chamasse
de pai eu não sei se conseguiria
viver junto a ele
mas ele está morto

então na impossibilidade
de saber disso eu só posso ir
a ele em seu fantasma
dirijo-me a você
nessa violência
de não saber
com quem estou falando
eu poderia dizer teu nome
pai
era vladimir
como maiakovski
mas ao contrário dele
você não foi vítima
de seu próprio revólver
você foi vítima daqueles
para quem você apontava o revólver
todos os dias
eu me pergunto se hoje você teria
algum limite
o que me resta
de você
é uma frase
de minha mãe
dizendo que você me amava muito
além disso o que me resta
de você
não veio de você
mas do que um dia me disseram
de sua morte
desde então
me pergunto o que move as pessoas
que são movidas pela vontade de matar
desde então
me pergunto se hoje você teria
algum limite

diante da falta
de limite que identifica a política
com a polícia desde antes
sigo atravessada
pela ferida da sua morte
na minha vida sigo
assombrada
pelo terror
que me invade
pelos buracos no seu rosto no seu corpo
e pela inscrição
do seu amor
que hoje não me chega
diretamente mas
pelo intermédio de uma frase
que não é sua
ou de apenas um nome
que me remete
ao seu contrário
eu continuo desarmada
me dirijo a você
pelo que de você me chega
pelo outro
que excede a você
me dirijo na rasura
do seu nome
na rasura
da abreviatura da sua profissão
me dirijo a você
nessa marca
que soberanamente me chama
na rasura da assinatura soberana eu me dirijo
a você
nesse nome que porta
uma chama

nesse nome que convida
que quer dizer
o amor
no fundo
sei que muita coisa lhe faltava
dirijo-me a você nesta falta
no poema que eu nunca escrevi
a você
dirijo-me ao poder
que nos mata
todos os dias dirijo-me ao terror
que se abre neste corpo
sem forma
a polícia é um corpo
sem rosto
presente em todos os lugares
na sociedade
dirijo-me a você
neste corpo deformado
que me assombra
em sua lei
estremeço
em seu rosto desfigurado
me dobro
em seu nome
transporto-me
do poder
ao poeta
que um dia escreveu
o amor
ao poeta
que também escreveu
o poeta é o eterno devedor
do universo
dirijo-me a isso

a que não pude dar
a sobra de uma ode
no fundo
sei que você também é apenas mais um
matável
como aquele que te matou
como eu
que aqui escrevo
nossas vidas
todas
sem valor

ITALO DIBLASI
(Rio de Janeiro/RJ)
n. 1988
e. 2016

Três estudos sobre o cio

Havia um ano e meio não
lhe tocava o corpo. Um ano
e meio não lhe mordida
os lábios. Um ano e meio.
São questões: já não saber
se te esmurro a cara ou
se te beijo a face.
Estou dormindo e me dou conta
de que estou dormindo.
Sonho e me dou conta
de que estou sonhando.
Desperto e é noite. Pondero
o tempo — arpão enferrujado.
Pondero a distância — baleia veloz.
Um diastema: lacuna ou espaço
existente entre dois dentes.
É possível medir a distância
entre dois dentes até mesmo
com um palito. A distância
entre dois corpos é calculada
em metros ou em centímetros.
Já a distância relativa
do tempo — é complicada

por exemplo:

Um ano e meio contém
13128 horas. 13128 horas
equivalem a 787680 minutos,
que também se deixam medir

em segundos. Medida duvidosa,
os segundos. São cruéis,
escapam assim _____.
É impossível detê-los. Pondero
a saudade — queimadura suave.
Estou contando e me dou conta
de que estou contando. Adormeço.
Havia 47260800 segundos não
lhe tocava o corpo. 47260800
segundos não lhe mordia os lábios.
São questões: a passagem do tempo,
a memória, que é sempre como
um poço de sombras delicadas.
Isso para não falar das mudanças.
Se pensadas com o tempo,
são relativas, as mudanças

por exemplo:

Todas as células dos lábios
de um ser humano são trocadas
a cada seis meses. É da natureza
das coisas. O atravessamento.
Estou falando dos seus lábios
e me dou conta de que estou
falando deles. Pondero
o corpo — mapa enganoso.
todas as células de um corpo humano
são trocadas a cada três anos.
Isso significa que algo se salva.
Como uma temporada de inverno.
São atravessáveis, as temporadas,
como são relativas, as mudanças

por exemplo:

Havia um ano e meio não
lhe tocava o corpo. Um ano
e meio não lhe beijava os lábios.

ontem toquei-lhe o corpo
e beijei-lhe os lábios.

Os lábios de ontem já eram outros.
O corpo, não.

Uma fortaleza para Bianca Madruga

agora acordo no mês das folhas
com essa espécie de tristeza
nas mãos e penso em você

que vai chorar sete vezes
numa noite e rir setenta
porque o riso é urgente
tão grave quanto o amanhã
(que te espera, ávido)

que vai me dizer que as coisas
querem ser brancas, que as grandes
questões demandam dureza
mas que é de sonhar
que se fazem
os dias

agora acordo no mês das folhas
com essa espécie de tristeza
nas mãos e penso em você

metade garota punk
da safra de 84, metade
colosso contando o tempo com sal
Deméter salgando o tempo
das frutas

porque agora é impossível colher

mas a colheita está feita
e já há quem fale em milagres
pois ela brilha como os teus cabelos
de mulher rica e como brilham
as bolhas de champanhe
através do vidro
e da fé

e essa é a hora em que te agradeço
por me fazer voltar
a pensar
em fé

quando vejo você
em sua varanda
com suas filhas
te penteando
te consolando

a beleza é estrondosa

e então entendo
que nunca estaremos prontos
(o tempo carece de método)
mas que lembraremos
mais velhos
de agradecer
por tanto

pois das incertezas
teremos feito mar
e de nossos braços
jangada
uma embarcação torta

e delicada
a que chamaremos
fortaleza

nossa alcateia de sobreviventes.

NATÁLIA AGRA

(Maceió/AL)

n. 1987

e. 2016

Almost blue

Para o Roberto

divido com ele o café melancólico
polly jean diria que ele está exposto como uma estrada aberta
leva o mundo com o voo no peito
respira fundo todo o espetáculo do silêncio

quando tratamos da vida moderna
chegamos à conclusão de que o futuro
este fracasso de gerações
não merece mais o nosso cuidado
mas concordamos que os jovens são tão bonitos
em sua harmonia alienada em volta da piscina
juntos, evitamos decifrar os suicidas
e deixamos o livro sempre aberto no precipício

ele também fechou os olhos do seu pai
e observa gringos cabeludos e sorridentes no
trapézio da tragédia
cantando *zombie*

se eu pudesse descrevê-lo em uma imagem
o desenharia à mesa, às 8h da manhã
enquanto todos embaixo de 32 andares
correm atrasados
ele está sentado, com seu suéter de outono
ouvindo o barulho que só o café faz na xícara
como poemas que se evaporam antes de chegar ao último verso,
ele está ali, a sós, fumando em paz o seu cigarro

Poema do infinito

Para Fabiano

tâmaras maduras em teus quadris
corpo em flor de anis
escapa vivo num torso místico:
todo o profano
Aruanda é aqui
nesta cama

o tempo, naquele instante
um tear
vislumbrando no outro a própria estranheza
(carne e cios duros)
castelã com unhas de gatos
costas arranhadas
hímen e rins como animais em asas

falena volteia erguido libertino
não coma a borboleta
(veneno e lua lambem a mesma boca)
sinédoque doce Shiva
num toque de chuva
abraça vísceras sem palavras

por último, lâmina-lança
bruta serpente calada
(Aruanda, nossa eternidade)
éter, clarim
todos os sentidos
chama
e chuva

RODRIGO LOBO
(Feira de Santana/BA)
n. 1985
e. 2015

a grande feira

não são bibliotecas:são
parentes explorados nas fábricas,
feridos
nas oficinas,avós
sentadas por dias inteiros nas maiores feiras
do interior brasileiro,pais
sujos de graxa esperando
a cerveja morna
que esfrie o bigode,o café
preto que esquite os peitos-não são
bibliotecas,
heranças,
diplomas,tradições:é
qualquer coisa contra o caso
do primo morto pelo tráfico,da
fome do avô correndo solitário
atrás de trabalho,
das mães e tias humilhadas
nos prédios públicos e privados
da cidade que cresce sem
consideração e sem graça:a
favor do caruru de são cosme,damião-não,
não são bibliotecas:o poema--isso
que os professores chamam
poesia--é qualquer coisa vindo
contra,
abrindo
espaço,
derrubando prédios,professores,
prateleiras,catálogos

Os peixes vermelhos

estou contando
os peixes
que passam:
somo os vivos
aos mortos -
e conto todos;
e em seguida
ao centésimo
de cor azul,
de cor pedra,
de cor fogo,
vou acender
um teu cigarro
e mergulhar
(apneia, agonia,
certo sufoco)(vou
em teu cavalo
terreno, este
bicho louco -
enxame de músculo
e osso - e ponte):
e passarei com eles,
com os peixes roxos,
aos pés
de quem nos conte,
a todos,
esteja eu vivo
esteja
eu morto.

WILLIAM ZEYTOUNLIAN

(São Paulo/SP)

n. 1988

e. 2015

A quente manhã de janeiro

“aproxima-te — não hesites — da janela
e escuta comovido, porém
sem pranto ou prece pusilânime,
como quem frui de um último prazer, os sons,
os soberbos acordes do místico tíasos:
e saúda Alexandria, enquanto a estás a perder”

KONSTANTINOS KAVÁFIS

a quente manhã de janeiro
se insinua em sol
sobre o pé de romã
em minha varanda
justamente quando começo
a tatear o emaranhado
de signos da internet:
uma manifestação marcada para depois de amanhã em São Paulo,
um atentado contra o Charlie Hebdo, em Paris,
uma declaração da nova ministra de Dilma,
fotos de férias e verão,
empresários paulistanos que investem em água gourmet
e o vídeo do policial francês sendo morto
que me desperta uma forma de ternura
nunca imaginada —

pois a simpatia que não nutro por policiais
esbarra estranhamente na desproporção do visto:

— é preciso ter ódio para ser policial,
mas já caído, prestes a tomar um tiro na cabeça,
o oficial volta sua mão a um dos homens encapuzados em um ato
[de clemência,
ou, pra parar a bala com a mão,

conforme o filme que lhe induzira talvez
ideias pueris de justiça,
mas em vão —

diz sua mão,
'eu tinha ódio'
ou antes,
'eu achava que
tinha ódio' e

Dimashq, Trípoli, Cabul, Porto Príncipe, Ho Chi Minh City são
[outra história
enquanto Hollande diz, em seu pronunciamento, duas vezes
a palavra 'bárbaro'
(antes da França ser França
os povos que ali habitavam
eram chamados de bárbaros).

hoje, a França se embarbára contra os barbados
e o le point espalha nos metrô de Paris
a chamada nos *ennemis islamistes*
(em cima a palavra MALI contextualiza discretamente).
A França de Goya é civilizada
e a Europa *un jour parlait français*.

nesse ínterim,
um chefe de família em 2013
faz a transferência na Châtelet
e vê o anúncio do le point.
Todavia segue para o trabalho, vende
[sua força,
limpa os corredores do musée du Louvre,
volta ao metrô, vê o anúncio,
— *nos ennemis islamistes*
(em cima escrito MALI, discretamente) —

segue à casa e dorme,
extasiado em cansaço.

pouco antes,
uma turista americana de 2009 sai do musée du Louvre.
Ela se *promène* pelas Tulherias até o Carrossel
e do Carrossel até a Champs Elysées
onde para na Louis Vuitton
para comprar um acessório:
'Isto é Paris, Isto é a França'
diz a turista em seu entendimento;
plena do sentimento
de partilhar da parcela supostamente a mais real
que aquele lugar tem a oferecê-la.
Então pega um taxi
e volta ao hotel razoavelmente medíocre,
quase em Porte de Vincennes.

hoje
o policial morre
estendendo a mão para o
[assassino:
seu filho ganhará uma pensão
que permitirá uma vida tranquila:
acabar o liceu com algum
[dinheiro
indo ao mk2 uma vez por semana,
ser amigo de uma moça proibida
[de usar o véu
que poderia ter sido sua esposa,
mas que voltou à pacífica Argélia
e fez um bom casamento
para os padrões locais.

isto
justamente quando começo
a tatear o emaranhado
de signos da internet
e a quente manhã de janeiro
se insinua em sol
sobre o pé de romã
em minha varanda:

os meus ancestrais, descansando à sombra num escaldante verão
[da Anatólia
acreditavam que a romã era um fruto de bons augúrios e fecundidade.
Isto, meus ancestrais, foi antes e depois de todos à margem do mediterrâneo
terem sido, sucessivamente, bárbaros e civilizados,
antes dos armênios serem cruzados e depois de quererem que eles não
[existissem mais;

antes que todos um dia olhassem para as ondas do atlântico
foi-se bárbaro, herege, pagão, civilizado, infiel;
a todos fora reservado o gume da cimitarra mais rápida que a cruel
[taxonomia
mas sempre, uma tarde de romã à sombra num escaldante verão da Anatólia.

Alcateia

“O amor não pode ser
muito mais novo
que o prazer em matar”

SIGMUND FREUD

I

Esquecer para lembrar.

Acende o sucedâneo
frágil chama na memória

É fremente.

E sob as cinzas frescas
da ânsia de um perder
ergue-se o novo nome
(faísca, forte fome)
assombro de morte redivivo —

novamente ser.

Nada se perde,
nada é em vão
na trama dessa história:
das mãos numa caverna,
da pegada sob a bota,
reacende o sucedâneo
frágil chama na memória.

II

Jorra a fonte e o som
se ouve sob os uivos
de um cão.

Cão? — Não;
aqui viviam os pais.
Aqui era o lar dos pais,
pais que eram irmãos.

Irmãos? — Não!
mãe de quem
a carne irrompeu.

Frágil é o ventre...
sangue

sangue

água
e
sangue

nada é em vão
(isso porém foi antes)

Jorra a fonte e a flor recende:
germina no ser
em que o descende;
ser em que ressentido
a perda.

O cão uiva e lembra:
aqui foi a primeira
dor de um existir.

Aqui foi
a prima Eva:
mãe inata,
transgressora.

III

Aqui é o lar,
 aqui é a terra
lugar em que o primo
fez um lar sobre a cratera.

Foi aqui que a avó roubou
o pão para a boca do filho;
e o pai — perene bondade —
foi aqui que primeiro
roubou, matou, decepou

(a verdade de um ato
reside no desejo)

Aqui é o lar,
 aqui é a terra:
a casa é uma erva
que arvora e povoa o ar.

IV

À margem do lago
os lobos ladram à noite:
são os pais;
e isso foi antes.

Foi aqui que primeiro
o primo matou, decepou.
O primo da perene bondade —
o primo que melhor sabe
que um filho
se alimenta de sangue.

Nele me perfilho.

À margem do lago
os lobos ladram à noite:
são irmãos.

Irmãos? — Não.

Irmãs:

à margem do lago,
à noite, ladram as lobas.
Cada uma conjura em si
o futuro que cabe a todas.

Foi aqui que a avó primeva
primeiro roubou o pão.

Ao futuro que a todas cabe
nada se perde,
nada é em vão:
eis tudo o que um filho sabe.

v

A cratera é o que se abre
ao passo da bota no chão.
A cratera é a pegada
que brota da bota do irmão.

Foi ali que uma casa cresceu.

Na pegada a cratera,
na cratera uma casa,
numa casa uma mesa
numa mesa o irmão.

Hoje nós jantaremos
juntos em torno dela.
Um repasto celebra o passado
nada é perdido,
nada é em vão.

VI

Sinto o câncer crescer.
Ele se alastra sob a pele.
Ou entre os órgãos, será?
É impossível saber.
Sinto o câncer crescer
e não passa de um sentir.

Levo a mão ao lugar da dor:
a mão a toca
ou é a dor
 que me toca a mão?

É impossível saber.

A mão toca a mama
e a mama toca a dor.
Essa mama já foi
da boca que a chamou.

Foi mama do beijo,
e então da gengiva
até que por fim
sobreveio a mordida.

Isso foi antes.

Agora, o câncer me toca a mama
e a mama me toca a mão.
Entre beijo, gengiva e mordida
nada se perde, nada é em vão.

VII

Besta selvagem,
mais que tudo
eu te desejo —
 irrompe a pele em que me habita
 e toma o que te cabe por direito.

Olha em mim o bicho
que em mim olha o homem são.

É seu retrato.

Civilizado,
o homem em si divisa
a parte que resta indivisa.

Vera é a fera
que vejo, homem,
que vaga em mim.

Besta selvagem;
una, inata:
mais que tudo
eu te desejo —
 irrompe a pele em que me habita
 e toma o que te cabe por direito.

VIII

Perene bondade, amor:
roubar, matar, decepar.
Fio que desalinha
até o fim do labirinto.
Passados o gesto e a intenção
toca do filho a boca o pão.

À margem do lago
os lobos ladram à noite:
Ladro? — não.
Lobo não ladra
mesmo sendo ladrão.

Uiva.

À margem do lago
os lobos uivam à noite.
À mesa, à cratera, ao lar.
Entre o medo e o ódio
o pão toca a boca do filho.

Noite,
dá aos lobos asilo,
a todos congrega
na perene bondade

(redivivo ato
do amor enorme,
amor do qual
se ergue o novo nome).

Mãe, pai, primo e filho;
a cada era, uma era sucede.
Nunca há um gesto em vão,
um ato de amor nunca se perde.

Gustavo Silveira Ribeiro (1980) é professor de Literatura Brasileira da UFMG. Publicou, entre outros livros, *O drama ético na obra de Graciliano Ramos* [ed. UFMG, 2016], *Poesia contemporânea: reconfigurações do sensível* [Quixote + Do, 2018] (com Tiago Guilherme Pinheiro & Eduardo Veras) e *Antevéspera, noite interior: atravessar uma canção que me atravessa* (Macondo, 2018). Organizou, para a *escamandro*, a antologia *A extração dos dias* (2017). Finaliza, neste momento, o livro de ensaios *Interromper o instante, interrogar o agora: poesia brasileira, século XXI*.

Copyright © 2020 dos autores

Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

ORGANIZAÇÃO E TEXTOS Gustavo Silveira Ribeiro

PREPARAÇÃO Danielle Freitas Oliveira

PROJETO GRÁFICO Otávio Campos

REVISÃO dos autores

ISBN 978-65-990151-5-1

[2020]

ESCAMANDRO

escamandro.wordpress.com

EDIÇÕES MACONDO

edicoesmacondo.com.br

Esta antologia foi concebida em fins de 2019 e finalizada nos primeiros meses de 2020, ano da peste, para a revista eletrônica escamandro. No centenário do nascimento luminoso de Clarice Lispector e Charlie Parker. Nos 50 anos do suicídio do poeta romeno Paul Celan e do assassinato do revolucionário brasileiro Joaquim Câmara Ferreira.

escamandro & macondo